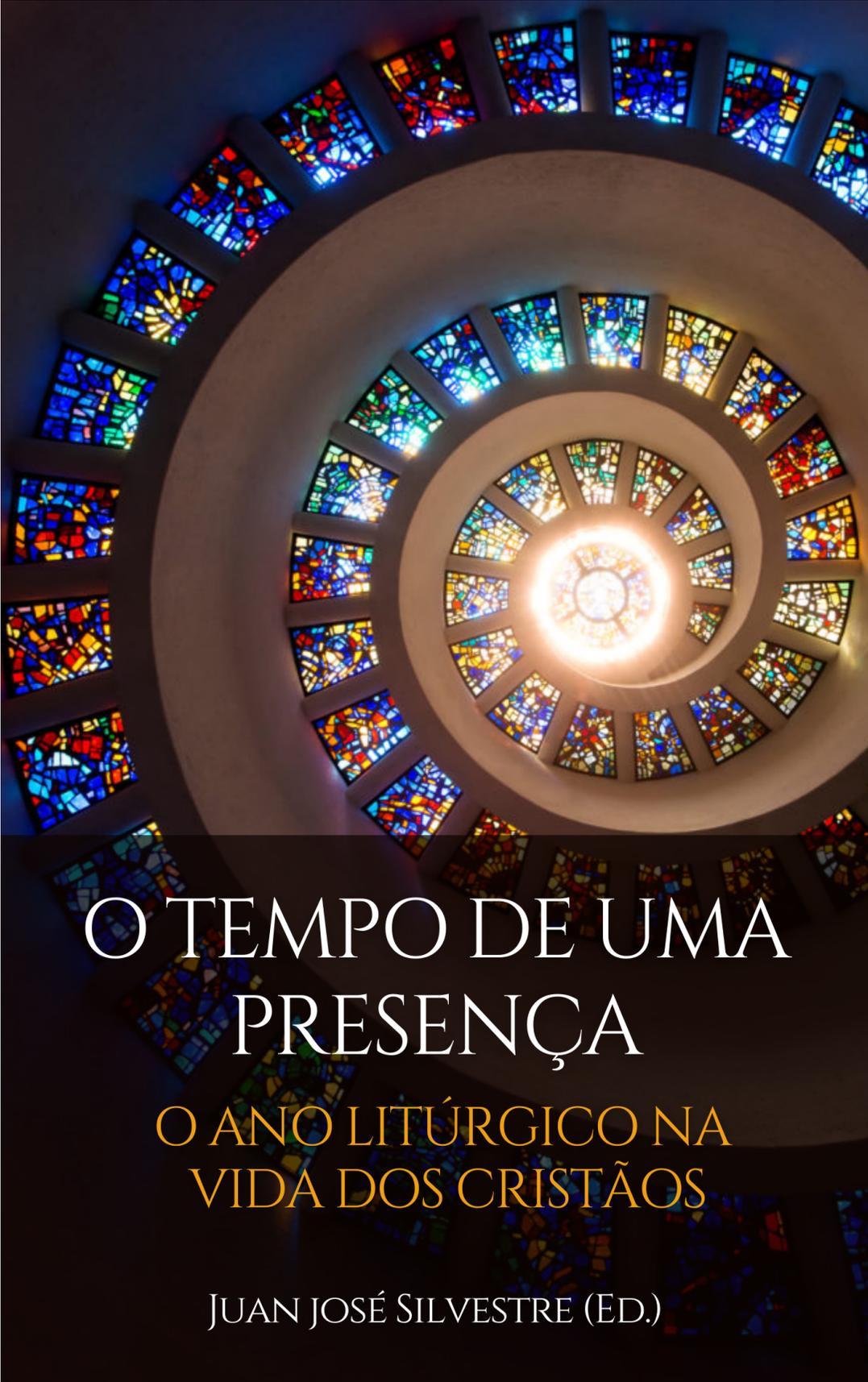




O TEMPO DE UMA PRESENÇA

O ANO LITÚRGICO NA
VIDA DOS CRISTÃOS

JUAN JOSÉ SILVESTRE (ED.)



O TEMPO DE UMA
PRESENÇA

O ANO LITÚRGICO NA
VIDA DOS CRISTÃOS

JUAN JOSÉ SILVESTRE (ED.)

O TEMPO DE UMA PRESENÇA

Juan José Silvestre(ed)

© 2021 Gabinete de Informação

do Opus Dei

www.opusdei.pt

ÍNDICE

Apresentação

Tempo de Advento

Preparar a vinda do Senhor

Tempo de Natal

A luz de Belém

Quaresma

O caminho para a Páscoa

Semana Santa

Amou-nos até ao fim

Páscoa

Ressuscitei e estou sempre contigo

Tempo Comum

O Domingo, Dia do Senhor e Alegria dos Cristãos

As Festas do Senhor durante o Tempo Comum (I)

O tempo de uma presença

As Festas do Senhor durante o Tempo Comum (II)

Celebrar o mistério inesgotável do Senhor

Santa Maria, no ano litúrgico

«Chamar-me-ão bem-aventurada»

Os santos no ano litúrgico

Como uma grande sinfonia

Canto e música na liturgia

A música que vem de Deus

Epílogo

Reunidos em comunhão: Rezando com toda a Igreja

APRESENTAÇÃO

“A história não é um simples suceder-se de séculos, anos e dias, mas é o tempo de uma presença que lhe confere pleno significado, abrindo-a a uma esperança sólida”[1]. Estas palavras de Bento XVI, que inspiraram o título deste livro, descrevem a essência do ano litúrgico, “celebração do mistério de Cristo no tempo”[2]. Na liturgia Deus faz-se presente entre nós e realiza a nossa salvação de um modo misterioso, mas real: tão real como quando Cristo ainda estava visível sobre a terra. “O ano litúrgico, que a piedade da Igreja alimenta e acompanha, não é uma fria e inerte representação de fatos que pertencem ao passado, ou uma simples evocação da realidade de outros tempos. É, antes, o próprio Cristo, que vive sempre na sua Igreja e que prossegue o caminho de imensa misericórdia por ele iniciado, piedosamente, nesta vida mortal, quando passou fazendo o bem, com o fim de colocar as almas humanas em contato com os seus mistérios e fazê-las viver por eles”[3].

Este livro, que reúne textos publicados no site do Opus Dei, convida a percorrer esses mistérios do calendário litúrgico, que giram em torno do Mistério Pascal, coração da vida de Cristo e da história do mundo. Cabe ao leitor, então, aprofundar na série de tonalidades que a oração da Igreja adquire no tempo; descobrir que a liturgia é, com palavras do Papa Francisco, “tempo e espaço de Deus”, e que Ele nos convida a “entrar ali, no tempo de Deus, no espaço de Deus, sem olhar para o relógio. A liturgia é, precisamente, entrar no mistério de Deus, deixar-se levar ao mistério e estar no mistério”[4].

Contemplemos, então, como o Mistério Pascal, pelo qual Cristo venceu a morte, entra no nosso dia a dia, talvez cansativo, e o enche de vida; aprendamos a viver de perto as festas em torno do mistério da Encarnação; adentremo-nos no início da salvação. Deixemo-nos surpreender pelos diferentes perfis do inesgotável mistério de Deus que a liturgia nos propõe, por meio das diversas solenidades e festas do Senhor. Redescubramos a presença maternal da Santíssima

Virgem, em quem a Igreja “admira e exalta o fruto mais excelso da Redenção, e a contempla com alegria como imagem puríssima do que toda ela deseja e espera ser”[5]. E, ao lembrarmos dos santos, vislumbremos “o Mistério Pascal realizado neles, que sofreram com Cristo e com Ele foram glorificados”[6].

As páginas deste livro pretendem ajudar a pôr em prática algumas palavras bem conhecidas de São Josemaria: “Oração, sabemos-lo todos, é falar com Deus. É possível, porém, que alguém pergunte: falar, de quê? Do que há-de ser, senão das coisas de Deus e das que enchem o nosso dia? Do nascimento de Jesus, do seu caminhar por este mundo, da sua vida oculta e da sua pregação, dos seus milagres, da sua Paixão Redentora, da sua Cruz e da sua Ressurreição... E na presença de Deus, Uno e Trino, tendo por Medianeira Santa Maria e por advogado S. José, Nosso Pai e Senhor - a quem tanto amo e venero - falaremos também do nosso trabalho de todos os dias, da família, das relações de amizade, dos grandes projetos e das pequenas coisas sem importância.”[7].

Espero que este livro contribua para despertar o sentido do mistério, da transcendência, do amor da Trindade por nós. Que estas páginas facilitem a escuta dócil do Espírito Santo, que nos fala na oração, e leve muitos leitores a se deslumbrarem diante da possibilidade de entrarem neste diálogo transformador com a Trindade; um diálogo que nos leva a sair de nós mesmos para reencontrar-nos, transformados em Cristo, com os seus próprios sentimentos. E que assim, identificados com Ele, por obra do Espírito Santo, possamos nos apresentar diante do Pai das misericórdias.

Juan José Silvestre (ed.)

Voltar ao índice

[1] Bento XVI, Audiência, 12-XII-2012.

[2] J. L. Gutiérrez-Martín, Belleza y misterio. La liturgia, vida de la Iglesia, Eunsa, Pamplona 2006.

[3] Pio XII, Enc. Mediator Dei (20.XI.1947).

[4] Francisco, Homilia em Santa Marta, 10.II.2014.

[5] Concílio Vaticano II, Const. Sacrosanctum Concilium, n. 103.

[6] Ibid, n. 104.

[7] São Josemaria, Cristo que passa, 174

TEMPO DE ADVENTO: PREPARAR A VINDA DO SENHOR

O Senhor não se afastou do mundo, não nos deixou sozinhos. O Advento é um tempo em que a Igreja chama os seus filhos a vigiar, a estar acordados para receberem Cristo que passa, Cristo que vem. Editorial sobre este tempo do ano litúrgico.

«Deus todo-poderoso, despertai nos vossos fiéis, a vontade firme de se prepararem, pela prática das boas obras, para ir ao encontro de Cristo, de modo que, chamados um dia à sua direita, mereçam alcançar o reino dos Céus». Estas palavras da oração colecta do primeiro domingo do Advento iluminam com grande eficácia o carácter peculiar deste tempo, com que inicia o Ano litúrgico. Ecoando a atitude das virgens prudentes da parábola evangélica, que souberam ter o azeite pronto para as bodas do Esposo[1], a Igreja chama os seus filhos a *vigiar*, a estar despertos para receber *Cristo que passa*, Cristo que vem.

Tempo de presença

O desejo de ir ao encontro, de preparar a vinda do Senhor[2], situa-nos perante o termo grego *parusia*, que o latim traduz por *adventus*, donde deriva a palavra Advento. De facto, *adventus* pode-se traduzir por “presença”, “chegada”, “vinda”. Não se trata, de resto, de uma palavra criada pelos cristãos. Na Antiguidade utilizava-se, em ambientes profanos, para designar a primeira visita oficial de um personagem importante – o rei, o imperador ou algum dos seus representantes – com motivo da sua tomada de posse. Também podia indicar a chegada da divindade, que sai do seu segredo para se manifestar com força, ou para receber culto. Os cristãos adotaram o termo para expressar a sua relação com Jesus Cristo: Jesus é o Rei que entrou nesta pobre “província”, a nossa terra, para nos visitar a

todos; um Rei que convida a participar na festa do seu Advento todos os que acreditam n'Ele, todos os que estão convictos da sua presença entre nós.

Ao dizer *adventus*, os cristãos afirmavam, simplesmente, que Deus está aqui: o Senhor não se retirou do mundo, não nos deixou sós. Mesmo que não possamos vê-lo ou tocá-lo, como acontece com as realidades sensíveis, Ele está aqui e vem visitar-nos de muitos modos: na leitura da Sagrada Escritura; nos sacramentos, especialmente na Eucaristia; no ano litúrgico; na vida dos santos; em tantos episódios mais ou menos prosaicos, da vida quotidiana; na beleza da criação... Deus ama-nos, conhece o nosso nome, interessam-Lhe todos os nossos assuntos e está sempre presente junto a nós. Esta certeza da sua presença, que a liturgia do Advento nos sugere discretamente, mas com constância ao longo destas semanas, não esboça uma nova imagem do mundo ante os nossos olhos? “Esta certeza que a Fé nos dá faz-nos olhar o que nos cerca a uma luz nova e, permanecendo tudo igual, leva-nos a ver que tudo é diferente, porque tudo é expressão do amor de Deus”[3]

Uma memória agradecida

O Advento convida-nos a parar, em silêncio, para captar a presença de Deus. São dias para tornar a considerar, com palavras de S. Josemaria, que “Deus está junto de nós continuamente. - Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado. E está como um pai amoroso - quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos - ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando... e perdando”[4].

Se nos embebermos desta realidade, se a considerarmos frequentemente no tempo do Advento, sentir-nos-emos animados a dirigir-Lhe a palavra com confiança na oração, e muitas vezes durante o dia; apresentar-Lhe-emos os sofrimentos que nos entristecem, a impaciência e as perguntas que surgem do nosso coração. É este um momento oportuno para crescer em nós a certeza

de que Ele sempre nos ouve. «Para Vós, Senhor, elevo a minha alma. Meu Deus, em Vós confio. Não seja confundido»[5].

Compreenderemos também como os matizes às vezes inesperados de cada dia são sinais pessoalíssimos que nos dirige Deus, sinais do seu olhar atento sobre cada um de nós. Acontece que costumamos estar muito atentos aos problemas, às dificuldades, e, às vezes, mal nos ficam forças para perceber tantas coisas belas e boas que vêm do Senhor. O Advento é um tempo para considerar, com mais frequência, como Ele nos protegeu, guiou e ajudou nas vicissitudes da nossa vida; para louvá-Lo por tudo o que fez e continua a fazer por nós.

O facto de estarmos vigilantes e atentos aos pormenores do nosso Pai do céu, termina em ações de graças. Cria-se assim em nós uma memória do muito que nos ajuda, também nas horas obscuras das dificuldades, dos problemas, da doença, da dor. «A alegria evangelizadora - escreve o Papa - refulge sempre sobre o horizonte da memória agradecida: é uma graça que precisamos de pedir»[6]. O Advento convida-nos a escrever, por assim dizer, um diário interior deste amor de Deus por nós. «Julgo que vós, tal como eu, ao pensar nas circunstâncias que acompanharam a vossa decisão de vos esforçardes por viver integralmente a fé, dareis muitas graças ao Senhor e tereis a convicção sincera - sem falsas humildades - de que não há mérito algum da vossa parte»[7].

Deus vem

Dominus veniet![8] Deus vem! Esta breve exclamação abre o tempo do Advento e ressoa especialmente ao longo destas semanas, e depois, durante todo o ano litúrgico. Deus vem! Não significa apenas que Deus tenha vindo em tempos, como uma coisa do passado; também não é um simples anúncio de que Deus virá, num futuro que poderia não ter excessiva transcendência para o nosso hoje e agora. Deus vem: trata-se de uma ação sempre em andamento, está a acontecer, acontece agora e continuará a acontecer com o transcurso do tempo. Em todo o momento, “Deus vem”: em cada instante da

história, o Senhor continua a dizer: «Meu Pai não cessa de trabalhar, e Eu também trabalho»[9].

O Advento convida-nos a tomar consciência desta verdade e actuar em consequência. «Chegou a hora de nos levantarmos do sono»; «Vigiai, pois, orando sem cessar»; «O que vos digo a vós, digo a todos: Vigiai!»[10] São chamadas da Sagrada Escritura, nas leituras do primeiro domingo do Advento, que nos lembram as constantes vindas, *adventus*, do Senhor. Nem ontem, nem amanhã, mas hoje, agora. Deus não está apenas no Céu, desinteressado de nós e da nossa história; na realidade, Ele é o Deus que vem. A meditação atenta dos textos da liturgia do Advento ajuda-nos a preparar-nos, para que a sua presença não nos passe despercebida.

Para os Padres da Igreja, a “vinda” de Deus – contínua e, por assim dizer, conatural com o seu próprio ser – concentra-se nas duas principais vindas de Cristo: a da sua encarnação e a da sua vinda gloriosa no fim da história[11]. O tempo do Advento desenvolve-se entre estes dois pólos. Nos primeiros dias sublinha-se a espera da última vinda do Senhor no fim dos tempos. E, à medida que se aproxima o Natal, vai abrindo caminho a memória do acontecimento de Belém, onde se reconhece a plenitude dos tempos. «Por este duplo motivo, o Tempo do Advento apresenta-se como um tempo de piedosa e alegre expectativa»[12].

O prefácio I do Advento sintetiza este duplo motivo: «Ele veio pela primeira vez, na humildade da sua natureza humana, para realizar o eterno desígnio do Vosso amor e abrir-nos o caminho da salvação; de novo há-de vir, no esplendor da sua glória, para nos dar em plenitude os bens prometidos que, entretanto, vigilantes na fé, ousamos esperar»[13].

Dias de espera e esperança

A espera é, portanto, uma nota fundamental do Advento; mas uma espera que o Senhor vem tornar esperança. A experiência mostra-nos que passamos a vida à espera: quando somos crianças, queremos crescer; na juventude aspiramos a um amor grande, que

nos satisfaça plenamente; quando adultos, procuramos realizar-nos na profissão, o sucesso determinante para o resto da nossa vida; quando atingimos uma idade avançada aspiramos ao merecido descanso. Todavia, quando estas esperanças se realizam, ou também quanto fracassam, percebemos que isto, na realidade, não era tudo. Precisamos de uma esperança que vá para além do que pudemos imaginar, que nos surpreenda. Por isso, mesmo que haja esperanças mais ou menos pequenas que, dia após dia, nos mantêm no caminho, na realidade, sem a grande esperança – a que nasce do Amor que o Espírito Santo colocou no nosso coração[14] e aspira a esse Amor – todas as outras não bastam.

O Advento anima-nos a perguntar-nos, que esperamos? Qual é a nossa esperança? Ou, com mais profundidade, que sentido tem o meu presente, o meu hoje e agora? «Se o tempo não foi preenchido por um presente dotado de sentido, – dizia Bento XVI – a espera corre o risco de se tornar insuportável; se se espera algo, mas neste momento não há nada, ou seja se o presente permanece vazio, cada instante que passa parece exageradamente longo, e a expectativa transforma-se num peso demasiado grave, porque o futuro permanece totalmente incerto. Ao contrário, quando o tempo é dotado de sentido, e em cada instante compreendemos algo de específico e de válido, então a alegria da espera torna o presente mais precioso»[15].

Um presépio para o nosso Deus

O nosso tempo presente tem um sentido porque o Messias, esperado durante séculos, nasce em Belém. Esperamo-lo com renovado entusiasmo na companhia de Maria e José, com a assistência dos nossos Anjos da guarda. Vindo Cristo para estar connosco, oferece-nos o dom do seu amor e da sua salvação. Para os cristãos, a esperança está animada por uma certeza: o Senhor está presente ao longo de toda a nossa vida, no trabalho e nos problemas quotidianos; acompanha-nos e um dia enxugará também as nossas lágrimas. Um dia, não muito longínquo, tudo chegará a realizar-se no reino de Deus, reino de justiça e de paz. «O tempo do Advento (...)

restitui-nos o horizonte da esperança, uma esperança que não desilude porque está fundada na Palavra de Deus. Uma esperança que não decepciona, simplesmente porque o Senhor nunca desilude»[16].

O Advento é um tempo de presença e de espera da eternidade; um tempo de alegria, de uma alegria íntima que nada pode eliminar: «hei-de ver-vos de novo – promete Jesus aos seus discípulos – e o vosso coração se alegrará, e ninguém vos tirará a vossa alegria»[17]. A alegria no momento da espera é uma atitude profundamente cristã que vemos realizada em Nossa Senhora: Ela, desde o momento da Anunciação, «esperou com inefável amor de mãe»[18] a vinda do seu Filho, Jesus Cristo. Por isso, também Ela nos ensina a esperar sem angústia a chegada do Senhor, ao mesmo tempo que nos preparamos interiormente para esse encontro, com o entusiasmo de “construir com o coração um presépio para o nosso Deus”[19].

Juan José Silvestre

Voltar ao índice

[1] Cfr. *Mt* 25, 1ss.

[2] Cfr. *Ts* 5, 23.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 144.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 267.

[5] *Missal Romano*, I Domingo de Advento, Antífona da entrada. Cfr. *Sl* 24 (25) 1-2.

[6] Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 24-XI-2013, n. 13.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 1.

[8] Cfr. *Missal Romano*, Féria III das semanas I-III do Advento, Antífona da entrada. Cfr. *Za* 14, 5.

[9] *Jo* 5, 17.

[10] *Rm* 13, 11; *Lc* 21, 36; *Mc* 13, 37.

[11] Cfr. S. Cirilo de Jerusalém, *Catequeses* 15, 1: PG 33, 870 (II Leitura do Ofício de Leituras do I Domingo de Advento).

[12] Calendário Romano, Normas universais sobre o ano litúrgico e sobre o calendário, n. 39.

[13] *Missal Romano*, Prefácio I de Advento.

[14] Cfr. *Rm* 5, 5

[15] Papa Bento XVI, Homilia I Vésperas do I Domingo do Advento, 28-XI-2009.

[16] Papa Francisco, *Angelus*, 1-XII-2013.

[17] *Jo* 16, 22.

[18] *Missal Romano*, Prefácio II do Advento.

[19] Notas de uma meditação, 25-XII-1973 (AGP, biblioteca, P09, p. 199). Publicado em Álvaro del Portillo, *Caminar con Jesús. Al compás del año litúrgico*, Ed. Cristiandad, Madrid 2014, p. 21.

TEMPO DE NATAL: A LUZ DE BELÉM

Na liturgia do tempo do Natal, a Igreja convida-nos a recordar o início daquela paixão do Amor de Deus pela humanidade que culmina com a celebração anual da Páscoa.

Cristo, redentor do mundo, Unigénito do Pai, nascido inefavelmente do Pai antes de todos os tempos, «*Christe, redemptor omnium, / ex Patre, Patris Unice, / solus ante principium / natus ineffabiliter*»[1]. Estas palavras, as primeiras que a Igreja pronuncia cada ano no começo do tempo de Natal, introduzem-nos na vida íntima de Deus. As celebrações litúrgicas nestes dias, os tempos de meditação diante do presépio, a vida familiar mais intensa, queremos ajudar a contemplar a Palavra que se fez Menino; a olhar para ela «com as disposições humildes da alma cristã» que não quer «reduzir a grandeza de Deus aos nossos pobres conceitos (...) mas compreender que o mistério, na sua obscuridade, é uma luz que guia a vida dos homens»[2].

Uma luz que nos leva ao Pai

«Deus é luz»[3]: n'Ele não há trevas. Quando intervém na história dos homens, a escuridão desaparece. Por isso, cantamos no dia de Natal: «*lux fulgebit hodie super nos, quia natus est nobis Dominus*»[4]; uma luz nos rodeará com o seu brilho, porque o Senhor nasceu para nós.

Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, nasce para iluminar o nosso caminho na terra; nasce para nos mostrar o rosto amável do Pai e revelar o mistério de um Deus que não é um ser solitário, mas sim Pai, Filho e Espírito Santo. O Pai gera o Filho na eternidade, num acto perfeitíssimo de Amor que faz do Verbo o Filho Amado. Do «Pai

das luzes»[5] procede Aquele que é «Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro»[6]. Mesmo que na terra os nossos olhos não possam perceber aquela inefável geração de Luz, o Senhor não nos deixou nas trevas: deixou-nos um sinal para intuirmos alguma parte do mistério. Esse sinal é o nascimento virginal de Jesus na noite de Belém.

«A virgindade de Maria manifesta a iniciativa absoluta de Deus na Encarnação. Jesus só tem Deus por Pai»[7]. O único Filho de Maria é o Unigénito do Pai; o nascido inefavelmente do Pai antes de todos os tempos, nasce também de modo inefável de uma Mãe Virgem. Por isso, a Igreja canta «*talis partus decet Deus*»[8], convinha à dignidade de Deus um nascimento tão admirável. Trata-se de um mistério que revela o resplendor da glória divina aos que são humildes[9]. Se nos aproximarmos do Menino com a simplicidade dos pastores que acorrem à gruta pressurosos[10], ou como a dos Reis Magos que «prostrando-se, O adoraram»[11], poderemos reconhecer o reflexo da sua geração eterna na luz que irradia da face do Menino.

O início do caminho para a Páscoa

«Ora, estando ali aconteceu completarem-se os dias em que devia dar à luz, e deu à luz o seu filho primogénito, e o enfaixou, e o reclinou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria»[12]. É fácil imaginar a alegria que Maria sentia desde o momento da Anunciação. Uma alegria que iria crescendo à medida que passavam os dias e o Filho de Deus se formava no seu seio. Todavia, a Nossa Senhora e a S. José não lhes foram poupadas todas as penalidades. A noite santa do nascimento do Redentor está marcada pela dureza e a frieza do coração humano: «Veio para o que era Seu e os Seus não O receberam»[13]. Deste modo, se o nascimento sem dor antecipava a glória do Reino, antecipava também a “hora” de Jesus, em que daria a sua vida por amor às criaturas: «os seus braços são de menino, mas são os mesmos que se abrirão na Cruz, atraindo todos os homens»[14].

Na liturgia do tempo do Natal, a Igreja convida-nos a recordar o começo daquela paixão de Amor de Deus pelos homens que culmina com a celebração anual da Páscoa. De facto, a festa do Natal do Senhor, de modo diferente da Páscoa anual, não começou a celebrar-se liturgicamente até bem entrado o século IV, à medida que o calendário refletia mais cada vez a unidade de todo o mistério de Cristo. Por isso, ao celebrarmos o nascimento de Jesus e deixar-nos tocar pela sua ternura de Menino, o sentido da sua vinda à terra actualiza-se, como conta o cântico de Natal que tantas recordações trazia a S. Josemaria: «Eu descí à terra para padecer». O Natal e a Páscoa estão unidos não apenas pela luz, mas também pela potência da Cruz gloriosa.

«*Dum medium silentium...* Quando um silêncio profundo envolvia todas as coisas e a noite ia a meio do seu curso, então, a Tua palavra onnipotente desceu do céu e do trono real»[15]. São palavras do livro da Sabedoria, que fazem referência imediata à Páscoa antiga, ao Êxodo em foram libertados os israelitas. A liturgia utiliza-as frequentemente no tempo do Natal para nos apresentar, por meio de contrastes, a figura do Verbo que vem à terra. Quem é inabarcável circunscreve-se no tempo; o Dono do mundo não encontra lugar no seu mundo; o Príncipe da Paz desce como «implacável guerreiro» do seu trono real. Deste modo, podemos compreender que o nascimento de Jesus é o fim da tirania do pecado, o começo da libertação dos filhos de Deus. Jesus libertou-nos do pecado através do seu mistério Pascal. É a “hora” que percorre e guia toda a história humana.

Jesus assume uma natureza como a nossa, com as suas debilidades, para libertar-nos do pecado através da sua morte. Isto só se compreende do ponto de vista do amor, pois o amor pede união, pede partilhar a mesma sorte que a pessoa amada: «A única norma ou medida que nos permite compreender de algum modo essa maneira de actuar de Deus é reparar que não tem medida, ver que nasce de uma loucura de amor, que O leva a tomar a nossa carne e a carregar com o peso dos nossos pecados»[16]

O Senhor quis ter um coração de carne como o nosso, para traduzir em linguagem humana a loucura do amor de Deus por cada pessoa. Por isso, a Igreja alegra-se quando exclama «*Puer natus est nobis*»[17], nasceu-nos um Menino. Porque Ele é o Messias esperado pelo povo de Israel e a sua missão abrange o universo. Jesus nasce para todos, «uniu-se de certo modo a cada homem»[18], não se envergonha de chamar-nos “irmãos” e quer louvar a bondade do Pai conosco. É lógico que nos dias do Natal vivamos de um modo especial a fraternidade cristã, que amemos todas as pessoas sem fazer distinções da sua origem ou das suas capacidades. Temos de acolher o amor libertador de Jesus, que nos tira da escravidão das nossas más inclinações e derruba os muros que há entre os homens, para fazer-nos finalmente «filhos no Filho»[19].

Um mistério que ilumina a família

«As festas em torno do mistério da Encarnação (Anunciação, Natal, Epifania) comemoram o princípio da nossa salvação e comunicam-nos as primícias do mistério da Páscoa»[20]. Estas primícias provêm sempre do contacto com Jesus, das relações que se criam em torno do Menino que, como qualquer criança que vem ao mundo, são primeiramente relações familiares. A luz do Menino estende-se, portanto, antes de mais nada, a Maria e José, e a partir deles a todas as famílias.

No tempo de Natal, a festa da Sagrada Família lembra-nos que as famílias cristãs estão chamadas a refletir a luz do lar de Nazaré. São um dom do Pai celestial, que quer que haja oásis no mundo em que o amor seja libertado da escravidão do egoísmo. As leituras desta festa propõem alguns conselhos para tornar santa a vida familiar: « revesti-vos de sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente se alguém tiver razão de queixa contra outro. Tal como o Senhor vos perdoou, assim deveis fazer vós também»[21]. Tratam-se de atitudes concretas para tornar realidade o grande paradoxo do Evangelho: só a renúncia e o sacrifício conduzem ao verdadeiro amor.

A oitava do Natal acaba com a solenidade de Santa Maria Mãe de Deus. Esta festa começou a celebrar-se em Roma, possivelmente relacionada com a dedicação da igreja de Santa Maria *ad martyres*, situada no Panteão. A celebração faz-nos recordar que o Filho de Deus é também Filho daquela que acreditou nas promessas de Deus[22] e que Ele se fez carne para nos redimir. Assim, poucos dias depois festejamos o Nome de Jesus, nome no qual encontramos consolação na nossa oração, já que nos lembra que o Menino que adoramos chama-se Jesus porque nos salva dos nossos pecados[23].

A salvação para todos os homens

Os últimos dias do ciclo de Natal comemoram a força expansiva da Luz de Deus, que quer reunir todos os homens na grande família de Deus. O rito romano antigamente comemorava também, junto com a festa do Batismo do Senhor, a “manifestação” aos Magos do Oriente – primícias entre os gentios – e as bodas de Caná, primeira manifestação da glória de Jesus aos seus discípulos. Mesmo que a liturgia romana celebre hoje estas “epifanias” em dias diferentes, ficam alguns ecos dessa tradição que conservaram as liturgias orientais. Um destes ecos é uma antífona do dia 6 de janeiro: «Hoje a Igreja uniu-se ao seu esposo celeste, porque, no Jordão, Cristo a lavou dos seus pecados; os Magos, com presentes, correm às festas das núpcias reais; e os convivas alegram-se com a água transformada em vinho»[24].

Na solenidade da Epifania, a Igreja convida a seguir o exemplo dos Magos, que perseveraram na procura da Verdade, não temem perguntar quando perdem a luz da estrela e encontram a sua própria grandeza adorando o Menino recém nascido. Como eles, também nós queremos dar-Lhe tudo o que há de melhor, cientes de que dar é próprio de enamorados e que ao Senhor «não lhe interessam riquezas, nem frutos, nem animais da terra, do mar ou do ar, porque tudo isso lhe pertence. Quer algo de íntimo, que havemos de lhe entregar com liberdade: dá-me, meu filho, o teu coração (*Pr* 23, 26)»[25].

Festejar o Baptismo

A Festa do Batismo do Senhor encerra o tempo de Natal. Convida-nos a contemplar Jesus que se inclina humildemente para santificar as águas, para que no sacramento do Batismo possamos unir-nos à sua Páscoa: «Nós, com o Batismo, somos imergidos naquela fonte inesgotável de vida que é a morte de Jesus, o maior ato de amor de toda a história»[26]. Por isso, como diz o Papa Francisco, é natural que recordemos com alegria a data em que recebemos este sacramento: «Conhecer a data do nosso Batismo significa conhecer uma data feliz. Mas o risco de não o conhecer significa perder a memória daquilo que o Senhor fez em nós, a memória do dom que recebemos»[27]. Assim fazia S. Josemaria, pois cada dia 13 de janeiro lembrava-se com agradecimento dos seus padrinhos e do próprio sacerdote que o baptizou[28]. Num dos seus últimos aniversários na terra, quando saía do oratório de Santa Maria da Paz, depois de celebrar a Missa, deteve-se um momento diante da pia baptismal, beijou-a e acrescentou: «Dá-me muita alegria beijá-la. Aqui fizeram-me cristão».

Cada três anos, no primeiro domingo depois do Batismo do Senhor proclama-se o evangelho das bodas de Caná. No começo do Tempo Ordinário, lembram-nos que a luz que resplandeceu em Belém e no Jordão não é um parêntesis na nossa vida, mas uma força transformadora que pretende chegar a toda a sociedade a partir do seu núcleo, que são as relações familiares. A transformação da água em vinho sugere-nos que as realidades humanas, incluindo o trabalho de cada dia bem feito, podem-se transformar numa coisa divina. Jesus pede-nos para enchemos as bilhas «usque ad summum»[29] que, com a ajuda da sua graça, atestemos até à borda os nossos esforços, para que a nossa vida adquira valor sobrenatural. Nesta tarefa de santificar o trabalho quotidiano encontramos novamente Santa Maria: a mesma que nos mostrou o Menino em Belém, dirige-nos para o Mestre com aquele conselho seguro: «Fazei tudo o que Ele vos disser!»[30].

Juan Rego

Voltar ao índice

- [1] Hino *Christe, redemptor omnium*, I Vésperas de Natal.
- [2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 13.
- [3] 1 *Jo* 1, 5.
- [4] Cfr. Missal Romano, Natal do Senhor, *Ad Missam in aurora*, Antífona de entrada (Cfr. *Is* 9, 2.6).
- [5] *Tg* 1, 17.
- [6] Símbolo Niceno-Constantinopolitano.
- [7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 503.
- [8] Hino *Veni, Redemptor Gentium*.
- [9] Cfr. *Heb* 1, 3.
- [10] Cfr. *Lc* 2,16.
- [11] *Mt* 2, 11.
- [12] *Lc* 2, 6-7.
- [13] *Jo* 1, 11.
- [14] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 38.
- [15] *Sb* 18, 14-15.
- [16] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 144.
- [17] Cfr. Missal Romano, Natal do Senhor, *Ad Missam in die*, Antífona de entrada (Cfr. *Is* 9, 6).
- [18] Concílio Vaticano II, Const. Past. *Gaudium et spes*, n. 22.
- [19] Concílio Vaticano II, Const. Past. *Gaudium et spes*, n. 22.
- [20] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1171.
- [21] *Col* 3, 12-13 (2ª leitura da festa da Sagrada Família).
- [22] Cfr. *Lc* 1, 45

[23] *Mt* 1, 21.

[24] *Antífona ad Benedictus, Laudes* de 6 de janeiro.

[25] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 35.

[26] Papa Francisco, *Audiência geral*, 8-I-2014.

[27] Papa Francisco, *Audiência geral*, 8-I-2014.

[28] Cfr. A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. I, Editorial Verbo, Lisboa, 2002, pp. 16-17.

[29] *Jo* 2, 7.

[30] *Jo* 2, 5.

QUARESMA: O CAMINHO PARA A PÁSCOA

A Igreja convida-nos durante a Quaresma a que consideremos na nossa oração a necessidade de nos convertermos, de redirigir os nossos passos para o Senhor. Texto sobre a Quaresma, pertencente ao ciclo sobre o Ano litúrgico.

«Fazei que a nossa vida, Senhor, corresponda à oferta das nossas mãos, com a qual damos início à celebração do tempo santo da Quaresma.»[1]; desde o primeiro domingo da Quaresma que a liturgia traça com decisão o caráter dos quarenta dias que começam na quarta-feira de cinzas. A Quaresma é um compêndio da nossa vida, que é toda ela «um constante regressar à casa do nosso Pai»[2]. É um caminho para a Páscoa, para a morte e ressurreição do Senhor, que é o centro de gravidade da história do mundo, de cada mulher, de cada homem: um regressar ao Amor eterno.

No tempo da Quaresma, a Igreja desperta-nos de novo para a necessidade de renovar o nosso coração e as nossas obras, de modo que descubramos cada vez mais essa centralidade do mistério pascal; trata-se de que nos ponhamos nas mãos de Deus para «avançar na inteligência do mistério de Cristo e vivê-lo na sua plenitude»[3].

«Que capacidade tão estranha tem o homem para se esquecer das coisas mais maravilhosas, para se acostumar ao mistério! Consideremos de novo, nesta Quaresma, que o cristão não pode ser superficial. Estando plenamente metido no seu trabalho habitual (...) tem de estar, ao mesmo tempo, metido totalmente em Deus, porque é filho de Deus»[4]. Por isso, é lógico que durante estes dias consideremos na nossa oração a necessidade da conversão, de redirigir os nossos passos para o Senhor, e purificar o nosso coração fazendo próprios os sentimentos do salmista: «*Cor mundum crea in*

me, Deus, et spiritum firmum innova in visceribus meis; Cria em mim, meu Deus, um coração puro e renova no meu interior um espírito firme»[5]. São palavras do salmo *Miserere*, que a Igreja nos propõe com frequência neste tempo litúrgico e que S. Josemaria tanto rezou.

O caminho de Israel pelo deserto

A Quaresma mergulha as suas raízes profundas em vários episódios chave da história da Salvação, que é também a nossa história. Um deles é a travessia do deserto pelo povo eleito. Esses quarenta anos foram para os israelitas um tempo de prova e de tentações. Yahvé acompanhava-os continuamente e ia-lhe fazendo entender que só se deviam apoiar n'Ele: ia amolecendo o seu duro coração de pedra[6]. Foi, além disso, um tempo de graças constantes; embora o povo sofresse, era Deus quem os consolava e os orientava com a palavra de Moisés, alimentava-os com o maná e as codornizes, dava-lhes água na Rocha de Meribá[7].

Que próximas nos soam as as palavras, cheias de ternura, com que Deus faz repensar os israelitas sobre o sentido da sua longa travessia! «Deves recordar todo o caminho que o Senhor, teu Deus, te fez percorrer pelo deserto durante estes quarenta anos, para te fazer humilde, para te provar e conhecer o que há no teu coração, se guardas ou não os seus mandamentos. Humilhou-te e fez-te passar fome. Depois alimentou-te com o maná, que tu e os teus pais desconheciam, para te ensinar que nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus»[8]. O Senhor dirige-nos também hoje estas palavras; a nós que, no deserto da nossa vida, certamente experimentamos a fadiga e os problemas de cada dia, embora não nos falem os cuidados paternais de Deus, por vezes através da ajuda desinteressada dos nossos familiares, de amigos ou mesmo de pessoas de boa vontade que permanecem anónimas. Com a sua pedagogia infável, o Senhor vai-nos metendo no seu coração, que é a verdadeira terra prometida: «*Praebe, fili mi, cor tuum mihi...* Dá-me, filho, o teu coração e que os teus olhos guardem os meus caminhos»[9].

Muitos dos episódios do Êxodo eram sombra de realidades futuras. De facto, nem todos os que participaram naquela primeira peregrinação chegaram a entrar na terra prometida[10]. Por isso, a epístola aos Hebreus, citando o salmo 94, dói-se da rebeldia do povo e, ao mesmo tempo, celebra a chegada de um novo êxodo: «Os primeiros a receber a boa nova não entraram por causa da sua desobediência», e Deus «volta a fixar um dia, hoje, quando afirma por David ao fim de tanto tempo (...): Se hoje escutardes a sua voz, não endureçais os vossos corações»[11]. Esse hoje é o inaugurado por Jesus Cristo. Com a sua Encarnação, a sua vida e a sua glorificação, o Senhor conduz-nos pelo êxodo definitivo, em que as promessas encontram perfeito cumprimento: arranja-nos um lugar no Céu; consegue «um tempo de descanso para o povo de Deus. Porque quem entra no descanso de Deus, descansa também ele dos seus trabalhos»[12].

O caminho de Cristo pelo deserto

O Evangelho do primeiro domingo da Quaresma apresenta-nos Jesus que, em solidariedade connosco, quis ser tentado no final dos quarenta dias que passou no deserto. Ver a sua vitória sobre Satanás enche-nos de esperança e faz-nos saber que com Ele poderemos vencer também nas batalhas da vida interior. As nossas tentações, então, já não nos inquietam, antes se convertem em ocasião para nos conhecermos melhor e para nos fiarmos mais de Deus. Descobrimos que o ideal de uma vida acomodada é uma falsa imagem da autêntica felicidade e apercebemo-nos, com S. Josemaría, de que «é necessário, sem dúvida, uma nova mudança, uma lealdade mais plena, uma humildade mais profunda, de modo que, diminuindo o nosso egoísmo, cresça Cristo em nós, já que *illum oportet crescere, me autem minui*, é preciso que Ele cresça e que eu diminua (Jo 3, 30)»[13].

A experiência da nossa fragilidade pessoal não acaba no temor, mas na petição humilde que atualiza a nossa fé, a nossa esperança e o nosso amor: «Afasta, Senhor, de mim o que me afaste de ti» podemos dizer, com palavras que repetiu com frequência S.

Josemaria[14]. Com Jesus, encontramos as forças para recusar decididamente a tentação, sem ceder ao diálogo: «Reparai bem como Jesus responde. Ele não dialoga com Satanás, como tinha feito Eva no paraíso terreal. Jesus (...) escolhe refugiar-se na Palavra de Deus e responde com a força dessa Palavra. Lembremo-nos disto, no momento da tentação, das nossas tentações, nada de diálogo com Satanás, antes sempre defendidos pela Palavra de Deus. E isto nos salvará»[15].

O relato da Transfiguração do Senhor, que se proclama no segundo domingo da Quaresma, reafirma-nos nesta convicção da certeza da vitória, apesar das nossas limitações. Também nós participaremos da sua glória, se nos sabemos unir à sua Cruz na nossa vida quotidiana. Para isso, temos de alimentar a nossa fé, como aquelas personagens do Evangelho que de três em três anos nos apresenta a liturgia nos últimos domingos da Quaresma: a samaritana, que supera o pecado para reconhecer em Jesus o Messias que acalma, com a água viva do Espírito Santo, a sua sede de amor[16]; o cego de nascimento, que vê Cristo como luz do mundo, vencendo a ignorância, enquanto os videntes do mundo ficam cegos[17]; Lázaro, cuja ressurreição nos recorda que Jesus veio trazer-nos uma vida nova[18]. Contemplando estes relatos como um personagem mais, com a ajuda dos santos, encontraremos recursos para a nossa oração pessoal, e fortalecer-se-á uma presença de Deus mais intensa que procuraremos manter nestes dias.

O nosso caminho penitencial como filhos

A oração colecta do terceiro domingo da Quaresma apresenta o sentido penitencial deste tempo: «Deus, Pai de misericórdia e fonte de toda a bondade, que nos fizestes encontrar no jejum, na oração e no amor fraterno os remédios do pecado, olhai benigno para a confissão da nossa humildade, de modo que, abatidos pela consciência da culpa, sejamos confortados pela vossa misericórdia». Com a humildade de quem se reconhece pecador, pedimos com toda a Igreja a intervenção que esperamos da misericórdia de Deus Pai: um olhar amoroso sobre a nossa vida e o seu perdão reparador.

A liturgia impulsiona-nos a assumir a nossa parte no processo de conversão, ao convidar-nos para a prática das tradicionais obras penitenciais. Estas manifestam uma mudança de atitude na nossa relação com Deus (oração), com os outros (esmola) e conosco mesmos (jejum)[19]. É o «espírito de penitência», de que falava S. Josemaria, e de que propunha tantos exemplos práticos: «penitência é o cumprimento exato do horário (...). És penitente quando te sujeitas amorosamente ao teu plano de oração, apesar de estares cansado, sem vontade, ou frio. Penitência é tratar sempre os outros com a máxima caridade (...), suportar com bom humor as mil pequenas contrariedades do dia (...); comer com agradecimento o que nos servem, sem importunar com caprichos»[20].

Sabemos ao mesmo tempo que de nada contam as ações meramente externas sem a graça de Deus; não é possível identificar-nos com Cristo sem a sua ajuda: «*quia tibi sine te placere non possumus*, já que sem a tua ajuda não podemos agradecer-Te»[21]. Apoiado n'Ele, procuramos realizar estas obras «no oculto», onde só o nosso Pai Deus vê[22], retificando com frequência a intenção e procurando de modo mais claro a glória de Deus e a salvação de todos. Escreve o apóstolo João: «O que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê»[23]. São palavras que convidam a um exame profundo, porque não é possível separar ambos os aspetos da caridade. Se nos sabemos contemplados por Ele, o sentido da nossa filiação divina irá empapando a vida interior e o apostolado, com uma contrição mais confiada e filial e com uma entrega sincera aos que nos rodeiam, familiares, colegas de trabalho, amigos.

O caminho penitencial através dos sacramentos

Na nossa luta diária contra a desordem do pecado, os sacramentos da Penitência e da Eucaristia são também uns momentos privilegiados. É lógico que a nossa penitência interior se aperfeiçoe graças à celebração do sacramento da Confissão. Muito depende das disposições do penitente, embora o protagonismo seja de Deus, que nos move à conversão. Através deste sacramento –

verdadeira obra prima do Senhor[24]- percebemos o seu *bom fazer* com a nossa liberdade caída. S. Josemaria apresentava assim o papel que nos cabe a nós: «Aconselho a todos que tenham como devoção (...) fazer muitos atos de contrição. E uma manifestação externa, prática, dessa devoção é ter um carinho particular ao Santo Sacramento da Penitência»[25], em que «nos revestimos de Jesus Cristo e dos seus merecimentos»[26].

A Quaresma é um momento estupendo para fomentar este «carinho particular» pela Confissão, vivendo-a nós em primeiro lugar e dando-a a conhecer a muitas pessoas.

Depois da absolvição que o sacerdote dá em nome de Deus, o Ritual propõe, entre outras possíveis, uma bela oração de despedida do penitente: «A paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, a intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria e de todos os santos, o bem que fizeres e o mal de que possas padecer, te sirvam como remédio dos teus pecados, aumento da graça e prémio de vida eterna. Vai em paz»[27]. É uma antiga oração em que o sacerdote pede a Deus que estenda o fruto do sacramento a toda a vida do penitente, recordando de que fonte emana a sua eficácia: os méritos da Vítima inocente e de todos os Santos.

Como aconteceu ao filho mais novo da parábola, depois do abraço do nosso Pai Deus somos admitidos ao banquete[28]. Que alegria participar bem limpos na Eucaristia! «Ama muito Nosso Senhor. Guarda e fomenta na tua alma esta urgência de lhe querer bem. Ama a Deus, precisamente agora, que talvez bastantes dos que o têm nas suas mãos, não o amam, maltratam-no e não cuidam dele. Trata muito bem o Senhor, na Santa Missa e durante o dia inteiro!»[29].

Através da liturgia, a Igreja convida-nos a percorrer com garbo o caminho da Quaresma. A celebração frequente dos sacramentos, a meditação assídua da Palavra de Deus e as obras penitenciais, sem que falte essa alegria – *Laetare Ierusalem!* – que sublinha especialmente o quarto domingo[30], são práticas que afinam a nossa alma, e nos preparam para participar com intensidade na Semana Santa, onde reviveremos os momentos cume da existência

de Jesus na terra. «Temos de fazer vida nossa a vida e a morte de Cristo. Morrer pela mortificação e a penitência, para que Cristo viva em nós pelo Amor. E seguir, então, as pisadas de Cristo, com ânsia de co-redimir todas as almas. Dar a vida pelos outros. Só assim se vive a vida de Jesus e nos fazemos uma só coisa com Ele»[31]. Contemplando o Senhor que dá a vida por nós, bem purificados dos nossos pecados, redescobriremos a alegria da salvação que Deus nos traz: «*Redde mihi laetitiam salutaris tui*, devolve-me a alegria da Tua salvação»[32].

Alfonso Berlanga

Voltar ao índice

[1] *Missal Romano*, Domingo I da Quaresma, oração sobre as oferendas.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 64.

[3] *Missal Romano*, Domingo I da Quaresma, colecta.

[4] *Cristo que passa*, n. 65.

[5] *Sal* 50 (51), 12.

[6] Cfr. *Dt* 8, 2-5.

[7] Cfr. *Ex* 15, 22 - 17, 7.

[8] *Dt* 8, 2-3.

[9] *Pr* 23, 26.

[10] Cfr. *Nm* 14, 20 ss.

[11] *Hb* 4, 6-7. Cfr. *Sal* 94 (95), 7-8.

[12] *Hb* 4, 9-10.

[13] *Cristo que passa*, n. 58.

[14] Notas de uma reunião familiar, 18-X-1972 (citado em A. Sastre *Tempo de Caminhar*, Rialp, Madrid 1989, p. 353).

[15] Francisco, *Angelus*, 9-III-2014.

[16] *Jo* 4, 5-42 (*Leccionário*, terceiro domingo da Quaresma, ciclo A).

[17] *Jo* 9, 1-41 (*Ibidem*, quarto domingo da Quaresma, ciclo A).

[18] *Jo* 11, 1-45 (*Ibidem*, quinto domingo de Quaresma, ciclo A).

[19] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1434.

[20] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 138.

[21] *Missal Romano*, Sábado da IV Semana de Quaresma, Colecta.

[22] Cfr. *Mt* 6, 6.

[23] *1 Jo* 4, 20.

[24] Cfr. *Catecismo da Igreja*, n. 1116.

[25] Apontamentos da pregação, 26-IV-1970 (citado em J. López e E. Burkhart, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, Rialp, Madrid 2013, vol. III, p. 377).

[26] S. Josemaria, *Caminho*, n. 310.

[27] *Ritual da Penitência*, n. 104.

[28] Cfr. *Lc* 15, 22-24.

[29] S. Josemaria, *Forja*, n. 438.

[30] *Missal Romano*, IV Domingo da Quaresma, antífona de entrada (cfr. *Is* 66, 10).

[31] S. Josemaria, *Via-sacra*, XIV estação.

[32] *Sal* 50 (51), 14.

SEMANA SANTA: AMOU-NOS ATÉ AO FIM

A Semana Santa é o centro do ano litúrgico: revivemos nestes dias os momentos decisivos da nossa redenção. A Igreja leva-nos pela mão, com a sua sabedoria e a sua criatividade, do Domingo de Ramos até à Cruz e à Ressurreição.

No coração do ano litúrgico palpita o Mistério pascal, o Tríduo do Senhor crucificado, morto e ressuscitado. Toda a história da salvação gira à volta destes dias santos, que passaram despercebidos para a maioria das pessoas, e que agora a Igreja celebra «de um extremo ao outro da terra»[1]. Todo o ano litúrgico, resumo da história de Deus com os homens, surge da *memória* que a Igreja conserva da *hora* de Jesus: quando, «tendo Ele amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim»[2].

A Igreja difunde nestes dias a sua sabedoria maternal para nos introduzir nos momentos decisivos da nossa redenção. Se não oferecermos resistência, seremos impelidos: pelo recolhimento com que a liturgia da Semana Santa nos introduz na Paixão; pela unção que nos move a velar junto do Senhor; pela explosão de alegria que brota da Vigília da Ressurreição. Muitos dos ritos que vivemos nos dias de hoje têm as suas raízes em tradições muito antigas; a sua força está realçada pela piedade dos cristãos e pela fé dos santos de dois milénios.

O Domingo de Ramos

O Domingo de Ramos é como o pórtico que precede e aponta para o Tríduo Pascal: «este início da Semana Santa, já tão próximo do momento em que se consumou no Calvário a Redenção de toda a humanidade, parece-me um tempo particularmente apropriado para

tu e eu considerarmos por que caminhos nos salvou Jesus, Nosso Senhor; para contemplarmos esse seu amor, verdadeiramente inefável, por umas pobres criaturas formadas com barro da terra»[3].

Quando os primeiros fiéis escutavam a proclamação litúrgica dos relatos Evangélicos da Paixão e a homilia que pronunciava o bispo, sabiam que era uma situação muito diferente daquela em que se assiste a uma simples representação: «para os seus corações piedosos, não havia diferença entre escutar o que havia sido proclamado e ver o que havia sucedido»[4]. Nos relatos da Paixão, a entrada de Jesus em Jerusalém é como que a apresentação oficial que o Senhor faz de Si mesmo como o Messias desejado e esperado, fora do qual não há salvação. O seu gesto é o do Rei salvador que chega a sua casa. Do seu povo, alguns não O receberam, mas outros sim, saúdam-n'O como o *Bendito* que vem em nome do Senhor[5].

O Senhor, sempre presente e atuante na Igreja, atualiza na liturgia, ano após ano, esta solene entrada no «Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor», como é chamado no Missal. O seu próprio nome sugere uma duplicação de elementos: uns triunfais, outros dolorosos. «Neste dia – lê-se na rubrica - a Igreja comemora a entrada do Senhor Jesus Cristo em Jerusalém, para realizar o Seu mistério pascal»[6]. A sua chegada está rodeada de aclamações e gritos de júbilo, ainda que as multidões não saibam então para onde se dirige realmente Jesus, e em breve se encontrarão com o escândalo da Cruz. Nós, no entanto, no tempo da Igreja, sim, sabemos qual é a direção dos passos do Senhor: Ele entra em Jerusalém «para consumir o seu mistério pascal». Por isso, para o cristão que aclama Jesus como Messias na procissão de Domingo de Ramos, não é uma surpresa encontrar-se, sem qualquer interrupção, com a vertente dolorosa dos sofrimentos do Senhor.

O modo como a liturgia nos mostra este jogo de trevas e de luz no plano divino, é significativo: o Domingo de Ramos não junta duas celebrações independentes, justapostas. O rito de entrada da Missa não é senão a própria procissão, e esta conflui diretamente na coleta

da Missa. «Deus eterno e onnipotente, que para dar aos homens um exemplo de humildade quisestes – dirigimo-nos ao Pai - que o nosso Salvador Se fizesse homem e padecesse o suplício da cruz»[7]: aqui já tudo fala do que vai acontecer nos dias seguintes.

Quinta-feira Santa

O Tríduo Pascal começa com a Missa vespertina da Ceia do Senhor. A Quinta-feira Santa encontra-se entre a Quaresma que termina e o Tríduo que começa. O fio condutor de toda a celebração deste dia, a luz que tudo envolve, é o Mistério pascal de Cristo, o próprio coração do acontecimento que se atualiza nos sinais sacramentais.

A ação sagrada centra-se naquela Ceia, em que Jesus, antes de se entregar à morte, confiou à Igreja o testemunho do seu amor, o Sacrifício da Aliança eterna[8].

«Enquanto instituía a Eucaristia, como memorial perpétuo d’Ele e da sua Páscoa, Jesus colocava simbolicamente este ato supremo da Revelação sob a luz da misericórdia. No mesmo horizonte da misericórdia, viveu Ele a sua paixão e morte, ciente do grande mistério de amor que se realizaria na cruz»[9]. A liturgia introduz-nos de um modo vivo e atual no mistério da entrega de Jesus pela nossa salvação. «É por isso que o Pai Me ama: porque dou a minha vida. E assim, Eu recebo-a de novo. Ninguém me tira a vida, mas Eu a dou livremente»[10]. O fiat do Senhor que dá origem à nossa salvação torna-se presente na celebração da Igreja; por isso a Coleta não vacila em incluir-nos, no dia de hoje, na Última Ceia: «*Sacratissimam, Deus, frequentantibus Cenam...*», diz em latim, com a sua habitual capacidade de síntese; «Fomos hoje convocados por Vós, para celebrar aquela mesma Ceia memorável»[11].

Este é «o dia santíssimo em que Nosso Senhor Jesus Cristo Se entregou por nós à morte»[12]. As palavras de Jesus, «Eu vou, mas voltarei a vós e é bom para vós que Eu vá, porque se Eu não for, o Defensor não virá a vós»[13] introduzem-nos no misterioso movimento entre a ausência e a presença do Senhor que preside todo

o Tríduo Pascal e, a partir dele, toda a vida da Igreja. Por isso, a Quinta-feira Santa, e os dias que se seguem, não são meros dias de tristeza ou de luto. Ver o Tríduo Sagrado deste modo, equivaleria a retroceder à situação dos discípulos, antes da Ressurreição. «A alegria da Quinta-Feira Santa parte, portanto, do facto de nós compreendermos que o Criador se desfez em carinho pelas suas criaturas»[14]. Para perpetuar no mundo este afeto infinito que se concentra na Sua Páscoa, na passagem deste mundo para o Pai, Jesus entrega-Se-nos totalmente, com o seu Corpo e o seu Sangue, num novo memorial: o pão e o vinho, que se convertem no «pão da vida» e «vinho da salvação»[15]. O Senhor ordena que, futuramente, se faça o mesmo que acaba de fazer em sua memória[16], e nasce assim a Páscoa da Igreja, a Eucaristia.

Há dois momentos da celebração que são muito eloquentes, se os vemos na sua mútua relação: o lava-pés e a reserva do Santíssimo Sacramento. Lavar os pés aos Doze anuncia, poucas horas antes da crucificação, o maior amor: «dar a vida pelos seus amigos»[17]. A liturgia revive este gesto, que surpreendeu os Apóstolos, no anúncio do Evangelho e na possibilidade de lavar os pés de alguns fiéis. Ao concluir a Missa, a procissão para a reserva do Santíssimo Sacramento e a adoração dos fiéis revela a resposta amorosa da Igreja àquele inclinar-se humilde do Senhor sobre os pés dos Apóstolos. O momento de oração silenciosa, que entra pela noite, convida a recordar a oração sacerdotal de Jesus no Cenáculo[18].

Sexta-feira Santa

A liturgia de Sexta-feira Santa começa com a prostração dos sacerdotes, em vez do habitual beijo inicial ao altar. É um gesto de especial veneração ao altar, que se encontra desguarnecido, sem nada, evocando o Crucificado na hora da Paixão. Rompe o silêncio, uma terna oração em que o celebrante suplica as misericórdias de Deus - «*Reminiscere miserationum tuarum, Domine*» - e pede ao Pai a proteção eterna que o Filho nos ganhou com o seu sangue, isto é, dando a Sua vida por nós[19].

Uma antiga tradição guarda para este dia a proclamação da Paixão segundo S. João, como um momento culminante da liturgia da Palavra. Neste relato evangélico aparece a impressionante majestade de Cristo que se entrega «à morte com a plena liberdade do Amor»[20]. O Senhor responde com valentia aos que vêm prendê-Lo: «Quando Jesus disse “Sou eu”, eles recuaram e caíram por terra»[21]. Mais tarde ouvimo-Lo responder a Pilatos: «O meu reino não é deste mundo»[22], e, por isso, o seu exército não luta para O libertar. «*Consummatum est*»[23]: o Senhor leva até ao fim a fidelidade ao seu Pai, e assim vence o mundo[24].

Depois do anúncio da Paixão e da oração universal, a liturgia volta sua atenção para o *Lignum Crucis*, a árvore da Cruz: o glorioso instrumento da redenção humana. A adoração da Santa Cruz é um gesto de fé e uma proclamação da vitória de Jesus sobre o demónio, o pecado e a morte. Com Ele, nós, os cristãos, vencemos, porque «esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fé»[25].

A Igreja envolve a Cruz de honra e reverência: o Bispo aproxima-se para a beijar sem casula e sem anel[26]; depois dele, segue-se a adoração dos fiéis, enquanto os cânticos celebram o seu carácter vitorioso, «adoramos, Senhor, a Vossa Cruz, louvamos e glorificamos a Vossa santa Ressurreição; porque pela Cruz se alegrou o universo inteiro»[27]. É uma misteriosa união da morte e da vida em que Deus quer que aprofundemos: «umas vezes, renovamos o gozoso impulso que levou o Senhor a Jerusalém. Outras, a dor da agonia que culminou no Calvário... Ou a glória do Seu triunfo sobre a morte e o pecado. Mas, sempre, o amor - gozoso, doloroso, glorioso - do Coração de Jesus Cristo»[28].

O Sábado Santo e a Vigília pascal

Um texto anónimo da antiguidade cristã recolhe, como que condensado, o mistério que a Igreja comemora no Sábado Santo: a descida de Cristo aos infernos. «O que está a suceder hoje? Um grande silêncio envolve a terra; um grande silêncio e uma grande solidão. Um grande silêncio, porque o Rei dorme. A terra está amedrontada e espantada, porque Deus adormeceu na carne e

despertou os que dormiam desde os tempos antigos»[29]. Do mesmo modo que vemos Deus descansar no Génesis, no final da sua obra criadora, o Senhor descansa agora da sua fadiga redentora. E a Páscoa, que está para surgir definitivamente no mundo, é «a festa da nova criação»[30]: ao Senhor custou-Lhe a vida devolver-nos a Vida.

«Um pouco de tempo, e não mais Me vereis; e mais um pouco, e Me vereis de novo»[31]: assim diz o Senhor aos Apóstolos, na véspera da sua Paixão. Enquanto esperamos o seu regresso, meditamos na sua descida às trevas da morte, onde estavam ainda submersos os justos da antiga Aliança. Cristo, levando na sua mão o sinal libertador da Cruz, põe fim ao seu sono e introduz-los na luz do novo Reino: «Desperta, tu que dormes, porque não te criei para que permaneças cativo no abismo»[32]. Desde as abadias carolíngias do século VIII, se propagará pela Europa a comemoração deste grande Sábado, dia da espera da Ressurreição, intensamente vivido pela Mãe de Jesus, donde provém a devoção da Igreja a Santa Maria nos sábados; agora, mais do que nunca, Ela é a *Stella matutina*[33], a Estrela da Manhã que anuncia a chegada do Senhor: o *Lucifer matutinus*[34], o Sol nascente, *oriens ex alto*[35].

Na noite deste grande Sábado, a Igreja reúne-se na mais solene das suas vigílias para celebrar a Ressurreição do Esposo, mesmo até às primeiras horas da aurora. Esta celebração é o núcleo do culto fundamental da liturgia cristã ao longo de todo o ano. Uma grande variedade de elementos simbólicos expressa a passagem das trevas à luz, da morte à vida nova na Ressurreição do Senhor: o fogo, o círio, a água, o incenso, a música e os sinos...

A luz do círio é sinal de Cristo, luz do mundo, que irradia e inunda tudo. O fogo é o Espírito Santo aceso por Cristo nos corações dos fiéis. A água significa a passagem para a nova vida em Cristo, fonte de vida. O *aleluia* pascal é o hino dos peregrinos a caminho da Jerusalém celeste. O pão e o vinho da Eucaristia são penhor do banquete escatológico com o Ressuscitado. Enquanto participamos na Vigília pascal, reconhecemos com os olhos da fé que a assembleia santa é a comunidade do Ressuscitado; que o tempo é um tempo

novo, aberto ao *hoje* definitivo de Cristo glorioso: «*haec est dies, quam fecit Dominus*»[36], este é o novo dia que inaugurou o Senhor, o dia «que não conhece ocaso»[37].

Felix María Arocena

Voltar ao índice

[1] *Missal Romano*, Oração Eucarística III.

[2] *Jo* 13, 1.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 110.

[4] S. Leão Magno, *Sermo de Passione Domini* 52, 1 (CCL 138, 307).

[5] Cfr. *Mt* 21, 9.

[6] *Missal Romano*, Domingo de Ramos na Paixão do Senhor, n. 1.

[7] *Missal Romano*, Domingo de Ramos na Paixão do Senhor, Coleta.

[8] Cfr. *Missal Romano*, Missa vespertina da Ceia do Senhor, Quinta-feira Santa, Coleta.

[9] Francisco, Bula *Misericordiae Vultus*, 11-IV-2015, n. 7.

[10] *Jo* 10, 17-18.

[11] *Missal Romano*, Missa vespertina da Ceia do Senhor, Quinta-feira Santa, Coleta.

[12] *Missal Romano*, Missa vespertina da Ceia do Senhor, Quinta-feira Santa, *Communicantes* próprio.

[13] *Jo* 14, 28; *Jo* 16, 7.

[14] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 84.

[15] *Missal Romano*, ofertório.

[16] Cfr. 1 *Cor* 11, 23-25.

[17] Cfr. *Jo* 15, 13.

[18] Cfr. *Jo* 17.

[19] Cfr. *Missal Romano*, Celebração da Paixão do Senhor, Sexta-feira Santa, oração inicial.

[20] S. Josemaria, *Via Sacra*, X estação.

[21] *Jo* 18, 6.

[22] *Jo* 18, 36.

[23] *Jo* 19, 30.

[24] Cfr. *Jo* 16, 33.

[25] 1 *Jo* 5, 4

[26] Cfr. *Cerimonial dos bispos*, nn. 315-322.

[27] *Missal Romano*, Celebração da Paixão do Senhor, Sexta-feira Santa, n. 20.

[28] S. Josemaria, *Via Sacra*, 14, 3.

[29] *Homilia sobre o grande e santo Sábado* (PG 43, 439).

[30] Bento XVI, *Homilia na Vigília Pascal*, 7-IV-2012.

[31] *Jo* 16, 16.

[32] *Homilia sobre o grande e santo Sábado* (PG 43, 462).

[33] Ladainha Lauretana (cfr. *Sir* 50, 6).

[34] *Missal Romano*, Vigília Pascal, Precónio Pascal.

[35] Liturgia das Horas, Hino *Benedictus* (*Lc* 1, 78).

[36] *Sl* 117 [118], 24.

[37] Cfr. *Missal Romano*, Vigília Pascal, Precónio Pascal.

PÁSCOA: RESSUSCITEI E ESTOU SEMPRE CONTIGO

O tempo pascal, explosão de alegria, estende-se desde a vigília Pascal até o domingo de Pentecostes. Nesses cinquenta dias a Igreja envolve-nos na sua alegria pela vitória do Senhor sobre a morte. Cristo vive, e vem ao nosso encontro.

«Vinde, benditos de meu Pai: tomai posse do reino preparado para vós desde o princípio do mundo, aleluia»[1]. O tempo pascal é uma antecipação da felicidade que Jesus Cristo ganhou para nós com a Sua vitória sobre a morte. O Senhor «foi entregue por nossos pecados» e ressuscitou «para nossa justificação»[2]: para que, permanecendo n'Ele, a nossa alegria seja completa[3].

No conjunto do Ano litúrgico, o tempo pascal é o «tempo forte» por antonomásia, porque a mensagem cristã é anúncio alegre, que surge com força da salvação realizada pelo Senhor na Sua «páscoa», na Sua passagem da morte à vida nova. «O tempo pascal é tempo de alegria, de uma alegria que não se restringe a esta época do ano litúrgico, mas que habita sempre no coração do cristão. Porque Cristo vive. Não é Cristo uma figura que passou, que existiu num tempo e que se retirou, deixando-nos uma lembrança e um exemplo maravilhosos»[4].

O que só algumas «testemunhas designadas de antemão por Deus»[5] puderam experimentar nas aparições do Ressuscitado, agora é-nos dado na liturgia, que nos faz reviver esses mistérios. Como pregava o Papa S. Leão Magno, «todas as coisas relativas a nosso Redentor que antes eram visíveis, agora passaram a ser ritos sacramentais»[6]. É expressivo o costume dos cristãos do Oriente que, conscientes desta realidade, desde a manhã do domingo da

Ressurreição se cumprimentam reciprocamente: «*Christos anestē*», Cristo ressuscitou; «*alethōs anestē*», verdadeiramente ressuscitou.

A liturgia latina, que na noite santa do sábado transbordava de alegria no *Exultet*; no domingo de Páscoa condensa esta alegria no belo intróito *Resurrexi*: «Ressuscitei, ó Pai, e sempre estou contigo: pousaste sobre Mim a Tua mão, a Tua sabedoria é admirável»[7]. Pomos nos lábios do Senhor, delicadamente, em clima de calorosa oração filial ao Pai, a experiência inefável da ressurreição, vivida por Ele nas primeiras horas do domingo. Assim nos animava S. Josemaria, na sua pregação, a aproximarmo-nos de Cristo, com a consciência de que vivemos no Seu tempo: «Quis recordar, embora brevemente, alguns dos aspectos dessa vida atual de Cristo – *Iesus Christus heri et hodie, ipse et in saecula*, Jesus Cristo ontem e hoje, o mesmo pelos séculos – por nela se achar o fundamento de toda a vida cristã»[8]. O Senhor quer que O tratemos e falemos d’Ele, não no passado, como se faz com uma recordação, mas percebendo o seu «hoje», a sua atualidade, a sua companhia viva.

Os cinquenta dias pascais

Muito antes de que existisse a Quaresma e outros tempos litúrgicos, a comunidade cristã já celebrava estes cinquenta dias de alegria. Quem não expressasse o seu júbilo durante estes dias era considerado como alguém que não tinha captado o núcleo da fé, porque «com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria»[9]. Esta festa, tão prolongada, indica-nos até que ponto «os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que há de ser revelada em nós»[10]. Neste tempo, a Igreja vive já a alegria que Senhor lhe revela: algo que «olhos jamais viram, nem os ouvidos ouviram, nem coração algum jamais presentiu»[11].

O sentido escatológico, de antecipação do céu, reflete-se desde há séculos no costume litúrgico de suprimir as leituras do Antigo Testamento durante o tempo pascal. Se toda a Antiga Aliança é preparação, o Tempo Pascal celebra a realidade do reino de Deus já presente. Tudo se renovou na Páscoa, e ali não cabe a figura, pois tudo é cumprimento. Por isso, no tempo pascal a liturgia proclama,

junto ao quarto Evangelho, os Atos dos Apóstolos e o livro do Apocalipse: livros luminosos que têm uma especial afinidade com a espiritualidade deste tempo.

Os escritores do Oriente e do Ocidente cristãos contemplaram o conjunto do Tempo Pascal como um único e extenso dia de festa. Por isso, os domingos deste tempo não se chamam segundo, terceiro, quarto... *depois da Páscoa*, mas, simplesmente, domingos *da Páscoa*. Todo o tempo pascal é como um só grande domingo. O domingo que fez com que todos os domingos fossem domingos. Do mesmo modo se considera o domingo de Pentecostes, que não é uma nova festa, mas o dia conclusivo da grande festa da Páscoa.

Quando a Quaresma chegava, alguns hinos da tradição litúrgica da Igreja recitavam o *aleluia* com um tom de despedida. Pelo contrário, a liturgia pascal entretém-se neste canto, porque o *aleluia* é a antecipação do *cântico novo* que os batizados entoarão no céu^[12], que já agora se sabem ressuscitados com Cristo. Por isso, durante o tempo pascal, tanto o estribilho do salmo responsorial como o final das antífonas da Missa repetem frequentemente esta aclamação, que une o imperativo do verbo hebreu *hallal* – louvar – e *Yahveh*, o nome de Deus.

«Feliz o *aleluia* que entoaremos ali!» diz S. Agostinho numa homilia. «Será um *aleluia* seguro e sem temor, porque ali não haverá nenhum inimigo, não se perderá nenhum amigo. Lá, como aqui, ressoarão os louvores divinos, mas os daqui procedem dos que ainda estão em dificuldades, enquanto os de lá são dos que já estão em segurança. Aqui, dos que hão de morrer. Lá, dos que hão de viver para sempre. Aqui, dos que esperam. Lá, dos que já possuem. Aqui, dos que ainda estão a caminho. Lá, dos que já chegaram à pátria»^[13]. S. Jerónimo conta que durante os primeiros séculos na Palestina, este grito era tão habitual que aqueles que aravam os campos diziam de vez em quando: *aleluia!* E os que remavam nas barcas para transportar os viajantes de uma margem para outra de um rio, quando se cruzavam, exclamavam: *aleluia!* «Nestas semanas do tempo pascal, a Igreja é embargada por um júbilo profundo e

sereno, que nosso Senhor quis deixar como herança para todos os cristãos (...). Um contentamento cheio de conteúdo sobrenatural que nada nem ninguém poderá tirar-nos, se nós não o permitirmos»[14].

A oitava da Páscoa

«Os oito primeiros dias do tempo pascal formam a oitava da Páscoa e são celebrados como solenidades do Senhor»[15]. Antigamente, durante esta oitava o bispo de Roma celebrava as *stationes*, para introduzir os cristãos recém batizados no triunfo daqueles santos especialmente significativos para a vida cristã de Roma. Era uma certa «geografia da fé», na qual a Roma cristã aparecia como uma reconstrução da Jerusalém do Senhor. Visitavam-se várias basílicas romanas: a *statio* da vigília da Páscoa ocorria em S. João de Latrão, o domingo, em Santa Maria Maior, a segunda, em S. Pedro do Vaticano, a terça, em S. Paulo Extramuros, a quarta, em S. Lourenço Extramuros, a quinta, na Basílica dos Santos Apóstolos, a sexta, em Santa Maria *ad martyres*, e o sábado, novamente, em S. João de Latrão.

As leituras desses dias estavam relacionadas com o lugar da celebração. Assim, por exemplo, a *statio* de quarta-feira celebrava-se na Basílica de S. Lourenço Extramuros. Ali o Evangelho que se proclamava era a passagem das brasas acesas[16], uma alusão à tradição popular romana, que relata como o diácono Lourenço foi martirizado sobre uma grelha. O sábado da oitava era o dia em que os neófitos depunham a alva com a qual se tinham revestido no seu batismo durante a vigília pascal. Por isso, a primeira leitura era a exortação de S. Pedro que começa com as palavras «*deponentes igitur omnem malitiam...*»[17]: despojai-vos de toda maldade.

Os Padres da Igreja falavam com frequência do domingo como «oitavo dia». Situado fora da sucessão dos sete dias, o domingo evoca o início do tempo e seu final no tempo futuro[18]. Por isso, os antigos batistérios, como o de S. João de Latrão, tinham forma octogonal: os catecúmenos saíam da fonte batismal para iniciar a sua vida nova, aberta já no oitavo dia, o domingo que não acaba. Assim,

cada domingo recorda-nos que a nossa vida decorre dentro do tempo da Ressurreição.

Ascensão e Pentecostes

«Com a sua Ascensão, o Senhor ressuscitado atrai o olhar dos Apóstolos – e também o nosso – às alturas do Céu para nos mostrar que a meta do nosso caminho é o Pai»[19]. Começa o tempo de uma presença nova do Senhor: parece que está mais escondido, mas, de certo modo, está mais perto de nós. Começa o tempo da liturgia, que é toda uma grande oração ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, uma oração «em caudal manso e largo»[20].

Jesus desaparece da vista dos Apóstolos, que talvez fiquem silenciosos no princípio. «Não sabemos se perceberam naquele momento o facto de que precisamente diante deles se estava a abrir um horizonte magnífico, infinito, o ponto de chegada definitivo da peregrinação terrena do homem. Talvez o tenham compreendido só no dia de Pentecostes, iluminados pelo Espírito Santo»[21].

«Deus eterno e onnipotente, que na festa de Pentecostes completais os cinquenta dias do mistério pascal...»[22]. A Igreja ensina-nos a reconhecer nesta número a linguagem expressiva da revelação. O número cinquenta tinha duas cadências importantes na vida religiosa de Israel: a festa de Pentecostes, sete semanas após se começar a ceifa do trigo, e a festa do jubileu que declarava santo o quinquagésimo ano: um ano dedicado a Deus no qual cada um recuperava sua propriedade, e podia regressar à sua família[23]. No tempo da Igreja, o «sacramento da Páscoa» inclui os cinquenta dias após a Ressurreição do Senhor, até à vinda do Espírito Santo no Pentecostes. Se, com a linguagem da liturgia, a Quaresma significa a conversão a Deus com toda a nossa alma, com toda a nossa mente e com todo o nosso coração, a Páscoa significa a nossa vida nova de «co-ressuscitados» com Cristo. «*Igitur, si consurrexistis Christo, quæ sursum sunt quærite*: Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus»[24].

No final destes cinquenta dias, «chegamos ao cume dos bens e à metrópole de todas as festas»[25], pois, inseparável da Páscoa, é como a «Mãe de todas as festas». «Somai todas as vossas festas – dizia Tertuliano aos pagãos do seu tempo – e não chegareis aos cinquenta dias do Pentecostes»[26]. Pentecostes é, pois, um domingo conclusivo, de plenitude. Nesta Solenidade, vivemos com admiração o modo como Deus, por meio do dom da liturgia, atualiza a doação do Espírito que se realizou no amanhecer da Igreja nascente.

Se na Ascensão Jesus «subiu aos céus para nos dar a certeza de que nos conduzirá à glória da imortalidade»[27], agora, no dia de Pentecostes, o Senhor, sentado à direita do Pai, comunica a Sua vida divina à Igreja, mediante a infusão do Paráclito, «fruto da cruz»[28]. S. Josemaria vivia e animava-nos a viver com este sentido de presente perene: «Ajuda-me a pedir um novo Pentecostes, que abra-se outra vez a terra»[29].

Compreende-se também por isso que S. Josemaria quisesse começar alguns meios de formação da Obra rezando uma oração tradicional da Igreja que se encontra, por exemplo, na Missa votiva do Espírito Santo: «*Deus, qui corda fidelium Sancti Spiritus illustratione docuisti, da nobis in eodem Spiritu recta sapere, et de eius semper consolatione gaudere*»[30]. Com palavras da liturgia, imploramos a Deus Pai que o Espírito Santo nos faça capazes de apreciar, de saborear, o sentido das coisas de Deus e pedimos também que desfrutemos do consolo alentador do «Grande Desconhecido»[31]. Porque «o mundo necessita da coragem, da esperança, da fé e da perseverança dos discípulos de Cristo. O mundo precisa dos frutos, dos dons do Espírito Santo, como elenca S. Paulo: «caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, temperança» (Gl 5, 22). O dom do Espírito Santo foi concedido em abundância à Igreja e a cada um de nós, para podermos viver com fé genuína e caridade operativa, para podermos espalhar as sementes da reconciliação e da paz»[32].

Félix María Arocena

Voltar ao índice

[1] *Missal Romano*, Quarta-feira da Oitava da Páscoa, Antífona da entrada. Cfr. *Mt* 25, 34.

[2] *Rm* 4, 25.

[3] Cfr. *Jo* 15, 9-11.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 102.

[5] *At* 10, 41.

[6] S. Leão Magno, *Sermo* 74, 2 (PL 54, 398).

[7] *Missal Romano*, Domingo da Ressurreição, Antífona da entrada. Cfr. Sl 138 (139), 18.5-6.

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 104. Cfr. *Heb* 13, 8.

[9] Francisco, Ex. Apost. *Evangelii Gaudium*, 24-XI-2013, n. 1.

[10] *Rm* 8, 18.

[11] *1 Cor* 2, 9.

[12] Cfr. *Ap* 5, 9

[13] S. Agostinho, *Sermo* 256, 3 (PL 38, 1193).

[14] B. Álvaro, *Caminhar com Jesus*, Quadrante, São Paulo, 2016, pp. 225-226.

[15] *Missal Romano*, Normas universais do ano litúrgico, 24.

[16] *Jo* 21, 9.

[17] *1 Pe* 2, 1.

[18] Cfr. S. João Paulo II, Carta Ap. *Dies Domini*, 31-V-1998, n. 26.

[19] Francisco, *Regina Coeli*, 1-VI-2014.

- [20] S. Josemaria, *Caminho*, 145.
- [21] Bento XVI, *Homilia*, 28-V-2006.
- [22] *Missal Romano*, Vigília do Domingo de Pentecostes, oração coleta.
- [23] Cfr. *Lv* 23, 15-22; *Nm* 28, 26-31; *Lv* 25, 1-22.
- [24] *Cl* 3, 1.
- [25] S. João Crisóstomo, *Homilia II de Sancta Pentecoste* (PG 50, 463).
- [26] Tertuliano, *De idolatria* 14 (PL 1, 683).
- [27] *Missal Romano*, Ascensão do Senhor, prefácio.
- [28] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 96.
- [29] S. Josemaria, *Sulco*, n. 213.
- [30] *Missal Romano*, Missa votiva do Espírito Santo, oração coleta.
- [31] Cfr. S. Josemaria, *Cristo que passa*, nn. 127-138.
- [32] Francisco, *Homilia na Solenidade de Pentecostes*, 24-V-2015.

TEMPO COMUM: O DOMINGO, DIA DO SENHOR E ALEGRIA DOS CRISTÃOS

*«Não tenhais medo de dar o vosso tempo a Cristo!»
Este conselho de S. João Paulo II refere-se
principalmente ao domingo, dia de adorar a Deus e
dia de descanso em família. Novo artigo da série
sobre o ano litúrgico.*

O domingo é um dia especial da semana. Tira-nos da rotina do dia a dia, que às vezes faz com que os dias se apresentem quase iguais. No domingo, podemos realizar atividades muito diferentes. No entanto, há algo decisivo neste dia. É um dom de Deus para que possamos relacionar-nos com Ele, para celebrar com Ele o acontecimento que nos introduziu numa nova vida: a Sua Ressurreição. S. João Paulo II convidou-nos a redescobrir o domingo como um tempo especial para Deus: «Não tenhais medo de dar o vosso tempo a Cristo! Sim, abramos o nosso tempo a Cristo para que Ele possa iluminá-lo e dirigi-lo. É Ele quem conhece o segredo do tempo e o segredo da eternidade, e nos entrega “o Seu dia” como um dom sempre novo do Seu amor»[1].

Com razão, este dia pode ser chamado «verdadeira Páscoa da semana»[2]: a sua celebração dá relevo aos outros seis dias. O domingo é «o fundamento e o centro de todo o ano litúrgico»[3]. Por isso, os Romanos Pontífices sempre insistiram na importância de cuidar a sua celebração: «Todos os domingos vamos à Missa porque é precisamente o dia da Ressurreição do Senhor. É por isso que o domingo é tão importante para nós»[4].

Santificado pela Eucaristia

Desde o início do cristianismo, o domingo tem um significado especial: «Por tradição apostólica, que nasceu do próprio dia da Ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal todos os oito dias, no dia que bem se denomina “dia do Senhor” ou domingo»[5]. É um dia em que o Senhor fala especialmente ao seu Povo: «E fui arrebatado em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por trás de mim, uma voz forte, como de trombeta»[6], diz o vidente do Apocalipse. É um dia em que os cristãos se reúnem «para a fracção do pão»[7], segundo narra o livro dos Atos dos Apóstolos, referindo-se à comunidade de Tróade. Celebrando juntos a Eucaristia, os fiéis uniam-se à Paixão salvadora de Cristo e cumpriam aquele mandato de conservar este Memorial, que passariam às sucessivas gerações de cristãos como um precioso tesouro: *Ego enim accepi a Domino, quod et tradidi vobis...* «Eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: na noite em que ia ser entregue, o Senhor Jesus tomou o pão», dizia S. Paulo aos de Corinto: «sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha»[8].

A carta apologética de S. Justino mártir ao imperador romano, em meados do séc. II, mostra-nos a perspetiva ampla que o domingo foi adquirindo nas consciências: «Celebramos essa reunião geral no dia do Sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, criou o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos»[9]. Estas duas maravilhosas obras divinas formam como um único retábulo em que Cristo ressuscitado ocupa o lugar central, pois Ele é o princípio da renovação de todas as coisas. Por isso, a Igreja pede a Deus na Vigília Pascal «... que o mundo todo veja e reconheça que se levanta o que estava caído, que o velho se torna novo e tudo volta à integridade primitiva por Aquele que é princípio de todas as coisas, Cristo Nosso Senhor»[10].

A celebração do domingo tem um tom festivo, porque Jesus Cristo venceu o pecado, e quer vencer o pecado em nós, quebrar as correntes que nos afastam d’Ele, que nos encerram no egoísmo e na solidão. Desta forma, unimo-nos à exclamação jubilosa que a Igreja

propõe para este dia na Liturgia das horas: *Hæc est dies, quam fecit Dominus: exsulemus et lætemur in ea*: «Este é o dia que fez o Senhor, n’Ele exultemos e nos alegremos[11]. Experimentamos o júbilo de saber que pelo batismo somos membros de Cristo, que na Sua glorificação nos une ao Pai, apresentando-Lhe as nossas petições e desejos de melhorar.

Esta alegria do encontro com o Senhor que nos salva não é individualista; celebramo-la sempre unidos a toda a Igreja. Durante a Missa do domingo, reforçamos a unidade com os outros membros da nossa comunidade cristã e tornamo-nos «um só corpo e um só Espírito, como uma só é a esperança na vocação a que fostes chamados. Há um único Senhor, uma única fé, um único batismo. Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, actua por meio de todos e Se encontra em todos»[12]. Por isso, «a assembleia dominical é um lugar privilegiado de unidade»[13], de modo especial para as famílias cristãs que «dão vida a uma das expressões mais qualificadas da sua identidade e “ministério” de “igreja doméstica”, quando os pais participam com os seus filhos na única mesa da Palavra e do Pão da Vida»[14]. Que maravilhoso quadro contemplamos em cada domingo, quando nas paróquias e diferentes lugares de culto se reúnem as famílias cristãs – pai, mãe, filhos, inclusive os avós – para adorar juntos o Senhor e crescer na fé acompanhados!

O carácter festivo da celebração dominical reflecte-se em alguns elementos litúrgicos, como a segunda leitura antes do Evangelho, a homilia, a profissão de fé e – excepto nos domingos do Advento e da Quaresma – o *Glória*. Como é óbvio, nesta Missa aconselha-se de modo particular o canto, que reflete o júbilo da Igreja perante a Ressurreição de Jesus.

A Liturgia da Palavra possui uma grande riqueza. Nela, a proclamação do Evangelho é central. Assim, durante o Tempo Comum e ao longo de três ciclos anuais, a Igreja propõe-nos uma seleção ordenada de passagens evangélicas em que percorremos a vida do Senhor. Antes recordamos a história dos nossos irmãos mais

velhos na fé com a primeira leitura do Antigo Testamento durante o Tempo Comum, que está relacionada com o Evangelho, «para assim manifestar a unidade dos dois Testamentos»[15]. A segunda leitura, também ao longo de três anos, percorre as cartas de S. Paulo e de S. Tiago e faz-nos compreender como os primeiros cristãos viviam a novidade que Jesus nos veio trazer.

Em conjunto, a Igreja oferece-nos, como boa Mãe, um abundante alimento espiritual da Palavra de Deus, que solicita de cada pessoa uma resposta de oração durante a Missa, e depois o seu acolhimento sereno na vida. «Penso que podemos todos melhorar um pouco neste aspeto, diz o Papa: convertermo-nos todos em melhores ouvintes da Palavra de Deus para sermos menos ricos das nossas palavras e mais ricos das Suas Palavras»[16]. Para ajudar-nos a assimilar este alimento, cada domingo o sacerdote pronuncia uma homilia em que explica, à luz do mistério pascal, o significado das leituras do dia, especialmente do Evangelho; uma cena da vida de Jesus, o seu diálogo com os homens, os seus ensinamentos redentores. Deste modo, a homilia leva-nos a participar com intensidade na Liturgia Eucarística, e a compreender que o que celebramos se projeta além do final da Missa para transformar a nossa vida diária: o trabalho, o estudo, a família...

Mais do que um preceito: uma necessidade cristã

A Santa Missa é uma necessidade para o cristão. Como poderíamos prescindir dela se, como ensina o Concílio Vaticano II, «sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual “Cristo nossa Páscoa, foi imolado” (1 Cor 5, 7), realiza-se também a obra da nossa redenção»?[17].

Quoties sacrificium crucis, quo “Pascha nostrum immolatus est Christus” in altari celebratur, opus nostrae redemptionis exercetur – a eficácia santificadora da Missa não se limita ao tempo que dura a sua celebração, mas estende-se a todos os nossos pensamentos, palavras ou ações, de maneira que é «o Centro e raiz da vida espiritual do cristão»[18]. S. Josemaria também comenta: «Talvez nos tenhamos perguntado algumas vezes como podemos

corresponder a tanto amor de Deus; talvez nesses momentos tenhamos desejado ver claramente exposto um programa de vida cristã. A solução é fácil e está ao alcance de todos os fiéis: participar amorosamente na Santa Missa, aprender na Missa a ganhar intimidade com Deus, porque neste Sacrifício se encerra tudo o que o Senhor quer de nós»[19].

Sine Dominico non possumus: «não podemos viver sem a ceia do Senhor», diziam os antigos mártires de Abitina[20]. A Igreja concretizou esta necessidade na obrigação dos fiéis participarem na Missa aos domingos e nos outros dias festivos de preceito[21]. Desta forma, vivemos o mandamento incluído no Decálogo: «Recorda-te do dia de sábado para o santificar. Trabalharás durante seis dias e cumprirás todas as tuas tarefas. Mas o sétimo dia é de descanso, consagrado ao Senhor, teu Deus»[22]. Os cristãos levam esse preceito à plenitude ao celebrar o domingo, dia da Ressurreição de Jesus.

O repouso dos domingos

O domingo é um dia para ser santificado em honra de Deus. Dirigimos o olhar ao nosso Criador, repousando do trabalho habitual, como nos ensina a Bíblia: «Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo quanto contém, e no sétimo dia descansou; por isso, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou»[23]. Ainda que o facto de se ter um dia livre na semana possa ser justificado por razões meramente humanas, como um bem para a pessoa, a família e toda a sociedade, não podemos esquecer que o mandamento divino chega mais longe: «O repouso divino do sétimo dia não alude a um Deus inativo, mas sublinha a plenitude do que fora realizado, como que a exprimir a paragem de Deus diante da obra “muito boa” (Gen 1,31) saída das Suas mãos, para lançar sobre ela *um olhar repleto de jubilosa complacência*»[24].

A própria revelação no Antigo Testamento acrescenta outro motivo da santificação do sétimo dia: «Recorda-te de que foste escravo no país do Egipto donde o Senhor, teu Deus, te fez sair com mão forte e braço poderoso. É por isso que o Senhor, teu Deus, te

ordenou que guardasses o dia de sábado»[25]. A Ressurreição Gloriosa de Cristo é o cumprimento perfeito das promessas do Antigo Testamento. Com ela, a história da salvação, iniciada com os começos do género humano, chegou ao seu ponto culminante. Os primeiros cristãos passaram a celebrar o dia da semana em que Jesus Cristo ressuscitou como o dia de festa semanal santificado em honra do Senhor.

A libertação prodigiosa dos israelitas é uma figura do que Jesus Cristo faz com a Sua Igreja por meio do mistério pascal: livra-nos do pecado, ajuda-nos a vencer as nossas más inclinações. Por isso, podemos dizer que o domingo é um dia especial para viver a liberdade dos filhos de Deus; uma liberdade que nos leva a adorar o Pai e a viver a fraternidade cristã começando por aqueles que estão mais próximos de nós.

«Graças ao descanso dominical, as preocupações e afazeres quotidianos podem reencontrar a sua justa dimensão: as coisas materiais, pelas quais nos afadigamos, dão lugar aos valores do espírito; as pessoas com quem vivemos recuperam, no encontro e diálogo mais tranquilo, a sua verdadeira fisionomia»[26]. Não se trata de não fazer nada ou somente atividades sem utilidade, ao contrário: «A instituição do Dia do Senhor contribui para que todos gozem do tempo de descanso e lazer suficiente, que lhes permita cultivar a vida familiar, cultural, social e religiosa»[27]. É um dia para dedicar especialmente à família o tempo e a atenção que talvez não consigamos prestar-lhe suficientemente nos outros dias da semana.

Em síntese, o domingo não é um dia reservado para si próprio, para concentrar-se nos próprios gostos e interesses. «Da Missa dominical parte uma onda de caridade destinada a estender-se a toda a vida dos fiéis, começando por animar o próprio modo de viver o resto do domingo. Se este é dia de alegria, é preciso que o cristão mostre, com as suas atitudes concretas, que não se pode ser feliz “sozinho”. Ele olha ao seu redor, para individuar as pessoas que possam ter necessidade da sua solidariedade»[28]. A Missa dos

domingos é uma força que nos move a sair de nós próprios, porque a Eucaristia é o sacramento da caridade, do amor de Deus e do amor ao próximo por Deus. Entende-se assim como, no primeiro dia da semana, S. Josemaria experimentava uma particular vibração trinitária: «No domingo – dizia – é bom louvar a Trindade: glória ao Pai, glória ao Filho, glória ao Espírito Santo. Eu costumo acrescentar: e glória a Santa Maria. E... é uma coisa infantil, mas não me importa nada: também a S. José»[29].

Carlos Ayxelà

Voltar ao índice

[1] São João Paulo II, Carta Apostólica *Dies Domini*, 31-V-1998, n.º 7.

[2] São João Paulo II, Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, 6-I-2001, n.º 35.

[3] Concílio Vaticano II, Constituição *Sacrosanctum Concilium*, n.º 106.

[4] Francisco, *Audiência*, 5 de fevereiro de 2014.

[5] *Sacrosanctum Concilium*, n.º 106.

[6] Ap 1, 10.

[7] Act 20,7

[8] 1 Cor 11, 23-26.

[9] *Apologia I*, 67,7.

[10] *Missal Romano*, Vigília Pascal, oração depois da 7.^a leitura.

[11] Salmo 117(118), 24.

[12] Ef 4, 4-6

[13] *Dies Domini*, 36.

- [14] *Ibidem*.
- [15] Introdução ao Leccionário da Missa, n.º 106.
- [16] Francisco, *Discurso, 4-X-2013*.
- [17] Concílio Vaticano II, Constituição dogmática, *Lumen gentium* n.º 3.
- [18] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n.º 87.
- [19] *Cristo que passa*, n.º 88.
- [20] *Dies Domini*, 46.
- [21] Código de Direito Canónico, can. 1247.
- [22] Ex 20, 8-10.
- [23] Ex 20, 11.
- [24] *Dies Domini*, 11.
- [25] Dt 5,15.
- [26] *Dies Domini*, n.º 67
- [27] *Catecismo da Igreja Católica*, 2184
- [28] *Dies Domini*, n.º 72.
- [29] S. Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 29-V-1974.

AS FESTAS DO SENHOR DURANTE O TEMPO COMUM (I): O TEMPO DE UMA PRESENÇA

Neste artigo, dedicado às festas do Senhor que a Igreja nos apresenta ao longo do Tempo Comum, recolhemos algumas considerações sobre quatro delas: a Apresentação e a Anunciação do Senhor, a Santíssima Trindade e o Corpus Christi.

“Como eu agora, que vim a vós em nome do Senhor, vos encontrei em vigília em seu nome, assim o próprio Senhor, em cuja honra celebramos esta solenidade, encontrará a sua Igreja velando na luz da alma, quando vier despertá-la”[1]. Velar na luz da alma: estas palavras de Sto. Agostinho, pronunciadas durante uma vigília pascal, resumem bem o sentido das grandes solenidades e festas do Senhor que marcam o Tempo Comum, desdobrando, ao longo de todo o ano, o mistério da salvação que brota da Cruz, emana do Sepulcro vazio e renova a face da terra.

“O único e idêntico centro da liturgia e da vida cristã - o mistério pascal - adquire então, nas diversas solenidades e festas, "formas" específicas, com ulteriores significados e com particulares dons da graça”[2]. As festas da Transfiguração e da Exaltação da Santa Cruz são comuns a todas as tradições litúrgicas, enquanto as solenidades da Santíssima Trindade, do Santíssimo Corpo de Cristo, do Sagrado Coração de Jesus e de Cristo, Rei do Universo são próprias da Igreja Romana.

Por último, duas festas profundamente vinculadas com a vida de Maria, a Apresentação de Jesus no Templo e a solenidade da Anunciação do Senhor, celebram-se também dentro do Tempo Comum. Pelo seu teor teológico, pertencem ambas, na realidade, ao ciclo de Manifestação ou Tempo de Natal, mas o seu lugar no

calendário deve-se ao modo pelo qual, por caminhos complexos, se acabou por fixar a sua data.

A apresentação de Jesus no templo

A lei mosaica prescrevia que todo o primogénito de Israel devia ser consagrado a Deus quarenta dias depois de nascer e resgatado com uma soma oferecida ao tesouro do Templo. Tratava-se de lembrar como os primogénitos foram preservados na noite da primeira Páscoa, durante a saída de Egipto. O Evangelho de São Lucas recolhe a Apresentação de Jesus no Templo desta forma: “Depois que se completaram os dias da purificação de Maria, segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para O apresentar ao Senhor, segundo o que está escrito na Lei do Senhor: Todo o varão primogénito será consagrado ao Senhor”[3]. São José e Nossa Senhora entram no templo, despercebidos entre a multidão: o Esperado por todos os homens entra indefeso, no colo de sua Mãe, na casa de seu Pai. A liturgia desse dia desperta-nos com o salmo responsorial, para que adoremos o Rei da Glória no seio desta discreta família. “Ó portas, levantai os vossos umbrais! Alteai-vos, pórticos eternos, que vai entrar o rei glorioso!”[4].

Foi no século IV que a Igreja de Jerusalém começou a celebrar anualmente este mistério. A festa era celebrada no dia 14 de fevereiro, quarenta dias depois da Epifania, porque a liturgia de Jerusalém ainda não tinha adoptado o costume romano de celebrar o Natal no dia 25 de dezembro. Por isso, quando este uso se tornou comum em todo o orbe cristão, a festa da Apresentação foi transferida para o dia 2 de fevereiro e assim se estendeu por todo o Oriente. Em Bizâncio, foi introduzida pelo imperador Justiniano I, no século VI, sob a advocação de *Hypapante* ou o *Encontro* de Jesus com o ancião Simeão, figura dos justos de Israel, que pacientemente tinha esperado longo tempo pelo cumprimento das promessas messiânicas.

Durante o século VII, a celebração implantou-se também no Ocidente. O nome popular de *Candelária* ou *Festa da Luz* provém da tradição de fazer uma procissão com velas, instituída pelo Papa

Sérgio I. Como proclama o velho Simeão, Jesus é o Salvador, apresentado “diante de todos os povos, como luz para iluminar as nações”[5]. A Igreja, ao celebrar a vinda e manifestação da luz divina ao mundo, benze as velas todos os anos, como símbolo da perene presença de Jesus e da luz da fé que os fiéis recebem pelo sacramento do Baptismo. Assim, a procissão com as velas acesas converte-se numa expressão da vida cristã: um caminho iluminado pela luz de Cristo.

A comemoração anual da Apresentação de Jesus no Templo é também uma celebração mariana. Por isso, em determinadas épocas, foi conhecida como festa da Purificação de Maria. Ainda que preservada por Deus do pecado original, Maria, como mãe hebraica, quer submeter-se à Lei do Senhor e por isso oferece “um par de rolas ou dois pombinhos”[6]. A oblação de Maria converte-se assim num sinal da sua obediência pronta aos mandatos de Deus. “Aprenderás com este exemplo, menino tonto, a cumprir a Santa Lei de Deus, apesar de todos os sacrifícios pessoais?”[7].

A anunciação do Senhor

No dia 25 de março, a Igreja celebra o anúncio do cumprimento das promessas de salvação. Maria conhece, dos lábios do Anjo, que achou graça diante de Deus. Pela ação do Espírito Santo, conceberá um filho que será chamado Filho de Deus. Salvará o seu povo e elevar-se-á sobre o trono de David e o seu reino não terá fim[8]. É a festa da Encarnação: o Filho eterno do Pai entra na história. Faz-se homem na carne de Maria, uma rapariga humilde do povo de Israel. Desde então, “a história não é mais uma simples sucessão de séculos, anos, dias, mas sim o tempo de uma presença que lhe dá pleno significado e abertura a uma sólida esperança”[9].

É provável que, no século IV, esta festa já fosse celebrada na Palestina, pois naquelas datas foi erigida uma basílica em Nazaré, no lugar onde a tradição colocava a casa de Maria. Este forte traço mariano pode ser percebido no nome que a celebração também recebeu: *Anunciação à Virgem Maria*. Muito rapidamente, durante o século V, a festa será difundida pelo Oriente cristão, para depois

ser transmitida ao Ocidente. Na segunda metade do século VII, já há testemunhas da sua celebração na Igreja Romana, no dia 25 de Março, sob a advocação de *Annuntiatio Domini*.

A data escolhida para a festa parte de uma antiga tradição que colocava a criação do mundo no dia preciso do equinócio da primavera (que no início da era cristã correspondia ao dia 25 de março do calendário juliano). De acordo com a ideia de que a perfeição implica o cumprimento de ciclos completos, os primeiros cristãos consideraram que a Encarnação de Cristo (começo da nova criação), a sua morte na cruz, e a sua vinda definitiva no final dos tempos, deviam ser situados nessa mesma data, que, dessa forma, aparece carregada de sentido. Além disso, o lugar preciso do Natal no calendário – nove meses depois da Anunciação – parece ter a sua origem nessa primitiva datação.

Os textos da Missa e da Liturgia das Horas desta solenidade focam-se na contemplação do Verbo feito carne. O salmo 39 (40) evocado na antífona de entrada, no salmo responsorial e na segunda leitura é o fio condutor de toda a celebração: “Eis que venho, Senhor, para fazer a vossa vontade!”[10]. Jesus encarna por obediência ao querer de seu Pai; e sua mãe atua da mesma forma. Maria turba-se, mas não põe objeções: não duvida da palavra do anjo. Movida pela fé, diz “sim” à vontade de Deus. “Maria manifesta-se santamente transformada, no seu coração puríssimo, em face da humildade de Deus: (...). A humildade da Virgem é consequência desse abismo insondável de graça, que se opera com a Encarnação da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade nas entranhas da sua Mãe sempre imaculada”[11].

A Santíssima Trindade

No primeiro domingo depois de Pentecostes, a Igreja celebra a solenidade da Santíssima Trindade. Nesse dia, glorificamos o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Deus uno, trino em pessoas: “confessando a nossa fé na verdadeira e sempiterna Divindade, nós adoramos as três Pessoas distintas, a sua essência única e a sua igual majestade”[12]. “Ouvistes-me dizer muitas vezes que Deus está no centro de nossa

alma em graça. Portanto, todos temos uma linha direta com Deus Nosso Senhor. De que valem todas as comparações humanas com essa realidade divina, maravilhosa? No outro lado da linha, esperando por nós, está não só o Grande Desconhecido, mas a Trindade inteira: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (...). É uma pena que os cristãos nos esqueçamos de que somos trono da Trindade Santíssima. Aconselho-vos que desenvolvais o costume de procurar Deus no mais profundo do vosso coração. Isso é a vida interior”[13].

Ainda que esta festa tenha sido introduzida no calendário romano em meados do século XIV, as suas origens remontam ao período patrístico. Já S. Leão Magno costumava desenvolver a doutrina sobre o mistério trinitário durante o período de Pentecostes. Algumas das suas expressões aparecerão recolhidas mais tarde no prefácio da Missa do Domingo da oitava de Pentecostes. Sucessivamente, no reino franco, será composta uma Missa da Santíssima Trindade que conhecerá uma primeira difusão por todo o Ocidente, talvez como um meio para ensinar, continuamente, ao povo cristão a verdadeira fé em Deus.

Porém, a Igreja Romana não definiu uma festa especial no calendário para a Santíssima Trindade, porque as invocações ao Deus Uno e Trino e as doxologias já lhe dão um lugar central na liturgia. Esta situação não impediu que algumas dioceses ou comunidades monásticas celebrassem anualmente uma festa litúrgica trinitária, ainda que a data não fosse uniforme. Seria o Papa João XXII quem, finalmente em 1334, introduziria no calendário romano a festa da Santíssima Trindade, no domingo a seguir ao de Pentecostes. Por outro lado, ainda que as Igrejas do Oriente cristão não tenham estabelecido uma festa específica, dedicam a maior parte dos cantos do Domingo de Pentecostes a contemplar o mistério trinitário.

O Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo

A solenidade do Corpo e Sangue de Cristo (o dia de *Corpus Christi*) nasce na Idade Média, fruto da piedade eucarística e da reafirmação dos dogmas depois de várias controvérsias teológicas. A

festa foi celebrada pela primeira vez em Liège, Bélgica, no ano de 1247, a pedido da Santa Juliana de Mont Cornillon, religiosa que dedicou grande parte da sua vida a promover a devoção ao Santo Sacramento do Altar. Em 1264, o Papa Urbano IV, impressionado pelo milagre eucarístico de Bolsena – testemunhado em pedra pela monumental catedral de Orvieto, que é como um grande relicário – instituiu, com caráter universal, a solenidade em honra do Santíssimo Sacramento para a quinta-feira posterior à oitava de Pentecostes. A bula de instituição da festa apresenta, em apêndice, os textos da Missa e do Ofício do dia, redigidos, segundo a tradição, por S. Tomás de Aquino. A antífona *O sacrum convivium* das segundas vésperas da festa, sintetiza de modo admirável a fé da Igreja, o *mysterium fidei*: “Ó sagrado banquete, em que se recebe Cristo e se comemora a sua Paixão, em que a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória”[14]. “Cada um de nós – dizia o Papa nessa solenidade – pode perguntar-se: e eu? Onde quero comer? De que mesa me desejo alimentar? Na mesa do Senhor? Ou então sonho em comer alimentos saborosos, mas na escravidão? Além disso, cada um de nós pode interrogar-se: qual é a minha memória? A do Senhor que me salva, ou a do alho e das cebolas da escravidão? Com que memória sacio a minha alma?”[15].

Como esta festa gira em torno da adoração do Santíssimo Sacramento e a fé na presença real de Cristo sob as espécies eucarísticas, é lógico que, já no século XIV, surgisse o costume de acompanhar o Senhor Sacramentado pelas ruas das cidades. Anteriormente, o Santíssimo tinha presidido à procissão dos ramos no Domingo de Ramos, ou sido trasladado solenemente na manhã de Páscoa, a partir da “reserva” ou “sepulcro” até ao tabernáculo principal do templo. A *procissão do Corpo de Cristo*, como tal, será definitivamente acolhida em Roma, no século XV. Graças a Deus, nos últimos anos estamos a assistir a um reflorescimento dessa devoção, também nos lugares em quetinha desaparecido há séculos. Fazemos nossos os sentimentos de S. Josemaria na festa de Corpus Christi de 1971: “enquanto celebrava a Missa hoje de manhã, disse a Nosso Senhor com o pensamento: acompanho-te em todas as

procissões do mundo, em todos os Sacrários onde te honram, e em todos os lugares onde estejas e não te honrem”[16].

José Luis Gutiérrez

Voltar ao índice

[1] Santo Agostinho, *Sermão 223 D* (PL *Supplementum 2*, 717-718).

[2] Bento XVI, *Homilia*, 31-V-2009.

[3] Lc 2,22-23.

[4] Salmo 23 (24), 7.

[5] Lc 2,32.

[6] Lc 2,24.

[7] *Santo Rosário*, IV Mistério Gozoso.

[8] Cfr Lc 1, 26-33.

[9] Bento XVI, *Audiência*, 12-XII-2012.

[10] Cfr Sl 39 (40), 8-9.

[11] *Amigos de Deus*, nº 96.

[12] *Missal Romano*, Prefácio da Missa da Solenidade da Santíssima Trindade.

[13] São Josemaria, *Anotações da sua pregação*, 8-XII-1972.

[14] Antífona *ad Magnificat*, Vésperas II da Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo.

[15] Francisco, *Homilia*, 19-VI-2014 (cfr *Núm 11*, 4-6)

[16] Javier Echevarría, *Recordações sobre Monsenhor Escrivá*.

AS FESTAS DO SENHOR DURANTE O TEMPO COMUM (II): CELEBRAR O MISTÉRIO INESGOTÁVEL DO SENHOR

Neste artigo sobre as festas do tempo Comum são comentadas as solenidades do Sagrado Coração de Jesus, a Transfiguração do Senhor, a Exaltação da Santa Cruz e Cristo Rei.

Por meio das diversas solenidades do Senhor que a liturgia nos propõe ao longo do ano, podemos contemplar, de várias formas, o inesgotável mistério de Deus, deixando que a sua luz banhe a nossa existência cristã no mundo. No centro do ano litúrgico, encontra-se a Páscoa que, aliás “se prolonga durante três meses – primeiro os quarenta dias da Quaresma e depois os cinquenta dias do Tempo pascal”, seguida de “três festas que têm um caráter ‘sintético’: a Santíssima Trindade, o Corpus Christi e, por último, o Sagrado Coração de Jesus”[1]. Tratamos das duas primeiras comemorações num artigo anterior: agora contemplaremos a solenidade do Sagrado Coração, para continuar com a Transfiguração, a Exaltação da Santa Cruz e concluir com a festa de Cristo Rei.

O Sagrado Coração de Jesus

Na sexta-feira após o segundo domingo depois de Pentecostes, a Igreja dirige o seu olhar para o lado aberto de Cristo na Cruz, expressão do amor infinito de Deus pelos homens e manancial de onde brotam os seus sacramentos. A contemplação desta cena alimentou a devoção dos cristãos desde os primeiros séculos, pois aí encontraram uma fonte contínua de paz e segurança nas dificuldades. A mística cristã convida-nos a abrir-nos ao Coração do Verbo Encarnado: “Que Cristo habite pela fé em vossos corações,

arraigados e consolidados na caridade, a fim de que possais, com todos os cristãos, compreender qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, isto é, conhecer a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios de toda a plenitude de Deus”[2].

A piedade popular do final da Idade Média desenvolveu uma veneração profunda e expressiva da Humanidade Santíssima de Cristo sofrendo na Cruz. Difundi-se assim o culto à coroa de espinhos, aos pregos, às chagas... e ao Coração aberto, síntese de todos os padecimentos do Salvador por nosso amor. Essas formas de piedade deixaram sua marca na Igreja, de modo que, no século XVII, nasceu a celebração litúrgica da solenidade do Sagrado Coração. Em 20 de outubro de 1672, um sacerdote normando, São João Eudes, celebrou, pela primeira vez, uma missa própria do Sagrado Coração e, a partir de 1673, foram-se difundindo pela Europa as visões de Santa Margarida Maria Alacoque sobre a expansão deste culto. Finalmente, Pio IX estendeu oficialmente à Igreja latina essa festa.

A liturgia do dia desenvolve os dois pilares teológicos da devoção: as riquezas insondáveis do mistério de amor derramado em Cristo e a contemplação reparadora do Seu coração perfurado. São mencionados nas duas orações do dia que o Missal Romano oferece: “alegrando-nos pela solenidade do Coração do Vosso Filho, meditemos as maravilhas do Seu amor e possamos receber, desta fonte de vida, uma torrente de graças”; “no coração do Vosso Filho, ferido por nossos pecados, nos concedestes infinitos tesouros de amor, fazei que Lhe ofereçamos uma justa reparação”.

A consideração do abismo de ternura do Senhor pelas almas é um convite a dar ao próprio coração a mesma forma do Seu, a unir o desejo de reparação a vontade eficaz de aproximar-Lhe mais almas : “abeiremo-nos um pouco do fogo do Amor de Deus, deixemos que o Seu impulso mova as nossas vidas, sonhemos com a possibilidade de levar o fogo divino de um extremo ao outro do mundo, de O dar a conhecer aos que nos rodeiam, para que também eles conheçam a paz de Cristo e, com ela, encontrem a felicidade”[3].

A Transfiguração do Senhor

A solenidade da Transfiguração do Senhor nasce, provavelmente, da comemoração anual da dedicação de uma basílica em honra desse mistério que aconteceu no Monte Tabor. No século IX, a festa foi introduzida no Ocidente e mais tarde, durante os séculos XI e XII, começou a celebrar-se também em Roma, na basílica vaticana. Foi incorporada ao Calendário romano pelo Papa Calisto III (1457) em agradecimento pela vitória das tropas cristãs frente aos turcos na batalha de Belgrado, em 6 de agosto de 1456.

No Oriente cristão, a Transfiguração de Nosso Deus e Salvador Jesus Cristo é uma das grandes solenidades do ano, junto com a Páscoa, o Natal e a Exaltação da Santa Cruz. Nela se expressa toda a teologia da divinização, pela graça, da natureza humana que, revestindo-se de Cristo, é iluminada pelo esplendor da glória de Deus. Unidos a Jesus, aponta o ofício de leituras do rito romano, “refulgiremos aos olhos espirituais – renovadas de certo modo as feições de nossa alma – conformados à Sua imagem”[4]

Com Pedro, Tiago e João, nessa festa, somos convidados a pôr o centro da nossa atenção em Jesus: “Eis o meu Filho muito amado, em quem pus todo o meu enlevo, ouvi-O”[5]. Temos de ouvi-Lo, e deixar que a Sua vida e ensinamentos divinizem a nossa vida diária. Assim rezava S. Josemaria: “Senhor nosso, aqui nos tens dispostos a escutar tudo o que queiras dizer-nos. Fala-nos, estamos atentos à Tua voz. Que as Tuas palavras, caindo na nossa alma, abrasem a nossa vontade para que se lance fervorosamente a obedecer-Te”[6].

Escutar o Senhor com a disposição sincera de identificar-nos com Ele leva-nos a aceitar o sacrifício. Jesus transfigura-se “para tirar do coração dos discípulos o escândalo da cruz”[7], para ajudá-los a suportar os momentos obscuros da Sua Paixão. Cruz e glória estão intimamente unidas. De facto, fixou-se o 6 de agosto como festa da Transfiguração em relação à Exaltação da Santa Cruz: entre ambas as celebrações decorrem quarenta dias que, em algumas tradições, coincidem como uma segunda quaresma. Assim, a Igreja bizantina

vive esse período como um tempo de jejum e de contemplação da Cruz.

A Exaltação da Santa Cruz

A festa da Exaltação da Santa Cruz tem a sua origem na Igreja de Jerusalém. Desde meados do século IV, celebrava-se a 13 de setembro o aniversário da dedicação da basílica constantiniana levantada no Gólgota. Segundo a recordação de uma peregrina da antiguidade chamada Egéria, uns anos antes, nessa mesma data, encontrou-se a relíquia da Cruz do Senhor. O gesto da exaltação realizava-se no segundo dia da oitava da dedicação: nessa jornada, testemunha um livro litúrgico da época, “mostra-se solenemente a todo o povo cristão a Cruz venerável”. Atualmente, o rito mais característico desta festa na liturgia bizantina consiste na elevação que faz o sacerdote da Cruz acima de todas as cabeças, abençoando o povo e dirigindo-se aos quatro pontos cardeais, enquanto o coro canta cem vezes a ladainha *Kyrie eleison* em cada ostensão. Os fiéis, depois, passam para venerar a Cruz e recebem uma flor do conjunto que adorna o lugar onde repousa. É tão importante essa solenidade no Oriente cristão, que é considerada como uma Páscoa do outono.

Em Roma, desde inícios do século VI, comemorava-se a 3 de maio uma festa paralela: a Invenção da Santa Cruz. Em meados do século VII, na basílica vaticana adotou-se o uso procedente de Jerusalém de venerar um fragmento da relíquia da Cruz (chamado de *lignum crucis*) no dia 14 de setembro. O Papa Sérgio (687-701) mudou esse costume para a basílica laterana e revestiu-o de especial solenidade, de tal maneira que já no século VIII, a festa se estendeu também por todo o Ocidente.

Na liturgia romana, o prefácio da Missa lembra que, se a árvore do Paraíso foi o lugar da queda do homem, o Senhor previu que a Cruz fosse a nova árvore salvadora «*ut unde mors oriebatur, inde vita resurgeret...* para que de onde viera a morte, daí ressurgisse a vida»[8]. As leituras ressaltam a elevação de Cristo no madeiro como uma antecipação da elevação na glória, e polo que atrai a todas as criaturas: “E quando eu for levantado da terra, atrairei todos os

homens a mim”[9]. A Cruz é o lugar do triunfo de Jesus, de onde estende o Seu reinado contando com a nossa colaboração: “Cristo, Senhor Nosso, foi crucificado e, do alto da Cruz, redimiu o mundo, restabelecendo a paz entre Deus e os homens. Jesus Cristo recorda a todos: *Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum* (Jo 12, 32), se vós me colocardes no cume de todas as atividades da terra, cumprindo o dever de cada instante, dando testemunho de mim no que parece grande e no que parece pequeno, *omnia traham ad meipsum*, tudo atrairei a mim. O meu reino entre vós será uma realidade”[10].

S. Josemaria usava sempre uma corrente com um relicário em forma de cruz com o *lignum crucis*. Era uma manifestação da sua devoção à Santa Cruz no cumprimento amoroso do dever de cada jornada. Existem inumeráveis gestos, inclusive pequenos, que também servem para expressar esta devoção na vida diária; por exemplo, ao abençoar a mesa e agradecer fazemos o sinal da cruz: “Este momento da bênção da mesa, embora muito breve, recorda-nos que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da criação, dá graças por aqueles que com o seu trabalho fornecem esses bens, e reforça a solidariedade com os mais necessitados”[11].

Cristo Rei do Universo

O senhorio de Cristo sobre o universo comemora-se de diversos modos nas festas do ano litúrgico como a Epifania, a Páscoa, a Ascensão. Com a solenidade de Cristo Rei, instituída em 1925 pelo Papa Pio XI no contexto do avanço da secularização na sociedade, a Igreja quer-nos apresentar com maior clareza ainda a soberania de Jesus Cristo sobre toda a Criação, incluída a história humana.

O reino de Jesus é, como nos ensina a liturgia da Missa, um *Regnum veritátis et vitae; regnum sanctitátis et grátiae; regnum iustítiae, amóris et pacis*[12]: verdade e vida, santidade e graça, justiça, amor e paz. São os valores que deseja com mais força o coração humano, e, nós, os cristãos podemos contribuir para essa realização. De modo especial, com as obras de misericórdia dirigidas

aos necessitados, como é proclamado no Evangelho próprio do ciclo A: “estava com fome, e destes-Me de comer; estava com sede, e destes-Me de beber; era peregrino, e acolhestes-Me”[13].

No entanto, o próprio Jesus nos adverte: “O Meu Reino não é deste mundo”[14]. O Seu senhorio manifestar-se-á em plenitude com Sua segunda vinda, gloriosa, quando se instaurarem os novos céus e a nova terra, e “todas as criaturas, libertas da escravidão e servindo à Sua majestade, O glorifiquem eternamente”[15]. Agora é o tempo da esperança, de trabalhar pelo Seu reinado, confiantes que a vitória final será Sua.

Jesus é o centro da história: não só da humanidade na sua totalidade, mas também de cada pessoa individualmente. Inclusive quando parece que tudo está perdido, sempre é possível dirigir-se ao Senhor, como fez o bom ladrão, segundo nos apresenta o evangelho no ciclo C[16]. Quanta paz dá o facto de que, apesar do nosso passado, com o arrependimento sincero podemos entrar sempre no Reino de Deus: “Neste dia, far-nos-á bem pensar na nossa história, olhar para Jesus e, do fundo do coração, repetir-Lhe muitas vezes – mas com o coração, em silêncio – cada um de nós: ‘Lembra-Te de mim, Senhor, agora que estás no Teu Reino! Jesus, lembra-Te de mim, porque eu tenho vontade de me tornar bom, mas não tenho força, não posso: sou pecador, sou pecadora. Mas lembra-Te de mim, Jesus! Tu podes lembrar-Te de mim, porque Tu estás no centro, Tu estás precisamente no Teu Reino!’”[17]. Essa petição de amor plasma-se ao longo do tempo litúrgico quando atualizamos na nossa vida quotidiana o que se celebra na Missa. O Sagrado Coração de Jesus, a Sua Transfiguração, a Exaltação da Santa Cruz e a solenidade de Cristo Rei não só marcam o ano, mas enchem de conteúdo os dias em *que se celebram*.

José Luis Gutiérrez

[Voltar ao índice](#)

[1] Bento XVI, Homilia na solenidade de Corpus Christi, 22/05/2008.

[2] Ef, 3,17-19.

[3] S. Josemaria Escrivá, Cristo que passa, 170.

[4] Anastásio Sinaíta, Sermão no dia da Transfiguração do Senhor (Lectio altera do Ofício de leituras da Liturgia das Horas do 6 de agosto).

[5] Mt 17,5.

[6] S. Josemaria, Santo Rosário, 4º mistério luminoso.

[7] Missal Romano, Prefácio da Transfiguração do Senhor.

[8] Missal Romano, Prefácio da Santa Cruz.

[9] Jo 12,32.

[10] S. Josemaria Escrivá, Cristo que passa, 183.

[11] Francisco, Enc. Laudato si, 24-V-2015, n. 227.

[12] Missal Romano, Prefácio de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo.

[13] Mt 25, 35.

[14] Jo 18,36.

[15] Cf. Missal Romano, Oração da Missa de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo.

[16] Cf. Lc 23, 35-43.

[17] Francisco, Homilia, 24-XI-2013

SANTA MARIA, NO ANO LITÚRGICO: «CHAMAR-ME-ÃO BEM-AVENTURADA»

Santa Maria, Mãe de Deus: o ano começa com a festa que indica o lugar especial de Nossa Senhora no mistério cristão. Ao longo do ano, a Igreja recorda aos seus filhos a presença maternal e discreta de Maria. Junto a S. José, Ela peregrina connosco através da história.

Na celebração anual dos mistérios de Cristo, «a Santa Igreja venera com especial amor a Santíssima Mãe de Deus, a Virgem Maria, unida por laço indissolúvel à obra salvífica de seu Filho; n´Ela, a Igreja admira e exalta o fruto mais excelente da Redenção e contempla-a gozosamente, como uma imagem puríssima do que ela mesma, totalmente, anseia e espera ser»[1].

Em breves traços, mas incisivos, o Concílio Vaticano II apresenta o significado do culto litúrgico a Santa Maria. Pode ajudar-nos a compreendê-lo uma via simples e profunda: a melhor arte cristã que surge da oração da Igreja. Se olharmos, por exemplo, um templo de tradição bizantina, reparamos, logo que entramos na nave, para os olhos de Cristo Pantocrator que normalmente domina a abóbada da ábside. O seu rosto amável lembra-nos como o Deus infinito assumiu os traços finitos dos filhos dos homens. Debaixo d´Ele, adornada com as cores imperiais, encontra-se Maria, a Toda Santa, ladeada por arcanjos com ricas vestes litúrgicas. Num terceiro nível, por fim, estão os apóstolos e os santos que connosco – *communicantes* –, oferecem o *sacrificium laudis*, o sacrifício de louvor agradável a Deus Pai[2].

A primeira devoção mariana

Esta imagem ajuda a compreender a posição singular de Maria na vida e na liturgia da Igreja. Como S. Josemaria gostava de considerar, Ela é, acima de tudo, a Mãe de Deus, a *Theotokos*: aqui se encontra «a raiz de todas as perfeições e privilégios que a adornam»[3]. Por isso, uma das orações marianas mais antigas a chama audazmente *Dei Genetrix*, aquela que gerou Deus[4]; e também por isso o culto litúrgico a Maria se desenvolverá sobretudo a partir do Concílio de Éfeso (século V), quando a Igreja define o dogma da Maternidade divina.

Noutras representações, Santa Maria aparece segurando o véu do cálice eucarístico, ou numa posição corporal de “Virgem orante e oferente”. Assim se expressa que a participação no mistério Pascal do Senhor é o centro e a raiz da sua vida. Esse modo único, em que Maria se une como Mãe à ação redentora de Jesus é o fundamento do culto mariano: a Igreja venera a Virgem reconhecendo o lugar que só a Ela corresponde. Por isso, já nas mais antigas profissões de fé batismais e nas primeiras orações eucarísticas se encontram alusões à Mãe de Deus. Esta presença especial de Maria explica, também, que o modo mais natural de honrá-la seja celebrar o mistério do seu Filho, especialmente na Eucaristia.

«Para mim, a primeira devoção mariana – agrada-me ver assim - é a Santa Missa (...). No Sacrifício do Altar, a participação da Nossa Senhora evoca o silencioso recato com que acompanhou a vida de seu Filho, quando andava pelas terras da Palestina. A Santa Missa é uma ação da Trindade: por vontade do Pai, cooperando o Espírito Santo, o Filho oferece-Se em oblação redentora. Nesse mistério insondável, adverte-se, como que entre véus, o rosto puríssimo de Maria»[5]. Celebrando o mistério de Cristo, a Igreja encontra Maria e, contemplando-a, descobre o modo de viver os divinos mistérios. Com Ela escutamos e meditamos a Palavra de Deus, e nos associamos à sua voz que abençoa, dá graças e louva o Senhor; com Ela nos sentimos associados à Paixão do seu Filho, e à alegria da sua Ressurreição; com Ela imploramos incessantemente o dom do Espírito Santo[6].

As origens do culto a Santa Maria

A última reforma da liturgia romana quis ressaltar a centralidade do mistério de Cristo, e por isso integrou a memória da Mãe de Deus no ciclo anual dos mistérios do seu Filho. Além de duas celebrações em que Maria está inseparavelmente unida a Cristo – a Anunciação (25 de Março) e a Apresentação do Senhor (2 de fevereiro) – as festas marianas do atual *Calendário romano geral* incluem três solenidades[7], duas festas[8], cinco memórias obrigatórias[9] e seis memórias livres[10]. Por outro lado, alguns tempos litúrgicos como o Advento e o Natal incorporaram mais referências marianas. Por último, a possibilidade de celebrar a memória livre de Santa Maria aos sábados, juntamente com alguns elementos da Liturgia das Horas, constituem a base semanal e diária do culto litúrgico mariano. Conhecer alguns pormenores sobre a origem e o desenvolvimento deste culto pode ajudar-nos a ser melhores filhos da nossa Mãe do Céu.

O rito romano celebra na oitava de Natal, no primeiro dia do ano, a solenidade da Maternidade divina de Maria. Esta foi a grande comemoração Mariana antes da chegada, nos finais do século VII, de quatro festas de origem oriental: a Apresentação do Senhor, a Anunciação, a Dormição (que agora se celebra como a Assunção) e o Nascimento de Maria.

O acolhimento dos cristãos provenientes da Palestina, Síria e a Ásia Menor, em consequência das invasões árabes do século VII enriqueceu a liturgia romana com a assimilação de várias tradições litúrgicas. Entre elas estão quatro festas, ligadas à memória de alguns eventos da vida de Nossa Senhora, nos lugares onde, segundo a tradição, se sucederam. A construção de templos naqueles lugares levou, ao longo dos séculos IV-VI, a um primeiro desenvolvimento do culto litúrgico mariano. Alguns exemplos são a basílica no Vale do Cédron, ligada ao *dies natalis* de Maria, que no século VI passará a chamar-se Festa da Dormição; a basílica de Nazaré, mandada construir pela imperatriz Helena em memória da Anunciação; a basílica construída sobre a piscina Bezatha, que ficará ligada à

memória da concepção e do nascimento de Nossa Senhora; ou a basílica de Santa Maria a Nova, construída no início do século VI, perto do antigo Templo de Jerusalém, para recordar a apresentação de Maria.

Todas estas festas nos introduzem na memória histórica da grande família do Povo de Deus, que sabe que «a história não está sujeita a forças cegas nem é o resultado do acaso, mas é a manifestação da misericórdia de Deus Pai»[11]. A Igreja, como Maria, não tem um coração desenraizado, mas faz memória da sua própria origem, recordando paisagens e rostos concretos. A progressiva receção destas comemorações da Virgem noutras regiões do mundo, é um reconhecimento desta lógica de Deus.

Da periferia para Roma e de Roma para a periferia

Simultaneamente, uma vez que a Igreja é uma Mãe que acolhe no seu seio todas as culturas, a veneração de Maria será desenvolvida de acordo com a particular sensibilidade teológica e espiritual de cada povo. Assim, por exemplo, a tradição bizantino-constantinopolitana conheceu uma primeira fase bastante sóbria do culto mariano, mas com o tempo produziu ricas composições poéticas em honra da *Theotokos*. O hino *Akathistos* é uma das mais amadas e difundidas: «Salvé, por Ti resplandece o júbilo; Salvé, por Ti se eclipsa a pena. Salvé, que levantas Adão, o caído; Salvé, que resgatas o pranto de Eva». Também, a tradição etíope manifestará a sua profunda piedade mariana nas orações eucarísticas e na instituição do maior número de festas marianas incluídas numa tradição litúrgica, mais de trinta ao longo do ano.

O rito romano tem também a sua própria história. No final do século VII, o Papa Sérgio I enriquece aquelas quatro festas recém-chegadas do Oriente com um elemento que distinguirá a devoção popular romana: as procissões das ladainhas pela cidade. Mais tarde, compor-se-ão os textos da Missa e do Ofício de *Sancta Maria in Sabbato*; espalhar-se-á pela Europa o costume de dedicar o sábado a Nossa Senhora, e aparecerão novas antífonas para a Liturgia das Horas. Algumas delas são hoje a última oração que, antes de dormir,

sai confiante dos lábios da igreja: *Alma Redemptoris Mater*, *Salve Regina*, *Ave Regina Coelorum*, *Regina Coeli Laetare*, compostas nos séculos XI-XIII. Mais tarde, também se instituirão festas marianas como a Visitação, promovidas inicialmente pelos franciscanos e estendida depois a toda a igreja latina no século XIV.

Depois do Concílio de Trento estendem-se a todo o rito romano outras festas celebradas até então somente em algumas regiões. Por exemplo, S. Pio V estendeu a toda a igreja latina a festa romana da Dedicção de Nossa Senhora das Neves (5 de agosto). Nos séculos XVII e XVIII, várias comemorações ligadas à piedade mariana de algumas ordens religiosas passarão, de várias maneiras, ao calendário geral: Nossa Senhora do Carmo (carmelitas), Nossa Senhora do Rosário (dominicanos), Nossa Senhora das Dores (servos de Maria), Nossa Senhora das Mercês (mercedários), etc.

Estes movimentos que vão da periferia a Roma, e de Roma à periferia[12] refletem a sabedoria maternal da Igreja, que promove tudo o que gera unidade, e ao mesmo tempo se adapta para tratar os seus filhos de «modo diferente - com uma justiça desigual - visto que cada um é diferente dos outros»[13]. Este respeito pelas tradições locais permanece no calendário atual, que reconhece a existência de festas marianas particulares, ligadas à história e devoção dos diversos membros do Povo de Deus. Isso explica a presença no calendário da Prelatura do Opus Dei, da festa de Nossa Senhora do Amor Formoso, que se celebra a 14 de fevereiro.

Um momento particularmente grandioso do culto litúrgico mariano foi o passado século XX, que conheceu quatro novas festas marianas: Nossa Senhora de Lurdes (Pio X, em 1907), a Maternidade de Nossa Senhora (Pio XI, em 1931), o Imaculado Coração de Maria (Pio XII, em 1944), e Santa Maria Rainha (Pio XII, em 1954). Além da memória do Santíssimo Nome de Maria (12 de setembro), a última edição do Missal Romano incorporou as memórias livres de Nossa Senhora de Fátima (13 de maio) e Nossa Senhora de Guadalupe (12 de dezembro). A extensão a todo o rito latino das celebrações ligadas a intervenções particulares da Virgem expressa a

vigilância amorosa da Igreja, que recorda aos seus filhos a presença discreta mas firme de Maria. Junto com São José, Ela peregrina connosco através da história.

Com a bênção da Mãe

Muitos pórticos de igrejas medievais têm uma imagem característica do Ocidente: a Mãe de Deus tem nos seus braços o Menino, e com o seu olhar e o seu sorriso acolhe e despede os peregrinos. Esta imagem, situada no espaço público que se abre para a cidade, fala-nos do estilo acolhedor e missionário de Maria que dá forma à vida da Igreja através da liturgia.

A sua presença recorda-nos que Ela nos espera quando vamos a uma igreja ou oratório, para nos ajudar a falar com o seu Filho. Saber dessa espera de Maria leva-nos a recolher-nos, a preparar-nos bem para as diferentes ações litúrgicas: uma delicadeza de filhos que se concretiza em pormenores, como chegar com antecedência, sem pressa, e dispor o que for necessário (adorno do altar, velas, livros) com a atenção e carinho da nossa Mãe, «mulher eucarística»[14], ao preparar-se para a «fração do pão» da primitiva Igreja[15].

A alegria da toda Formosa está em «reproduzir nos filhos as características espirituais do Filho primogénito»[16]. Na escola de Santa Maria «a Igreja aprende a tornar-se cada dia “serva do Senhor”, a estar pronta para partir ao encontro das situações de maior necessidade, a prestar atenção aos mais pequeninos, aos excluídos»[17]. Por isso, depois de nos convidar a entrar para sermos transformados por Ele, a nossa Mãe volta a saudar-nos e, desde o pórtico, envia-nos para a «formosíssima guerra de paz»[18], lado a lado com os nossos irmãos, os homens.

Juan Rego

[Voltar ao índice](#)

Voltar ao índice

[1] Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium* (4-XII-1963), 103.

[2] cf. *Missal Romano*, Cânone Romano.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, 275.

[4] cf. *Liturgia das horas, Ad completorium*, Antífona *Sub tuum praesidium*.

[5] S. Josemaria, “La Virgen María”, em *Por las sendas de la fe*, Madrid, Cristiandad 2013, 170-171.

[6] cf. *Collectio Missarum de Beata Vergine Maria*, nn. 13.17.

[7] São as seguintes: 1 de janeiro: *Mãe de Deus*; 15 de agosto: *Assunção*; 8 de dezembro: *Imaculada Conceição*.

[8] 31 de maio: *Visitação*; 8 de setembro: *Natividade*.

[9] Sábado, após a solenidade do Sagrado Coração de Jesus, *Imaculado Coração de Maria*; 22 de agosto: *Santa Maria Rainha*; 15 de setembro: *Nossa Senhora das Dores*; 7 de Outubro: *Nossa Senhora do Rosário*; 21 de Novembro: *Apresentação de Maria no Templo*.

[10] 11 de fevereiro: *Nossa Senhora de Lurdes*; 13 de maio: *Nossa Senhora de Fátima*; 16 de julho: *Nossa Senhora do Monte Carmelo*; 5 de agosto: *Dedicação da Basílica de Santa Maria Maior*; 12 de setembro: *Santo Nome de Maria*; 12 de dezembro: *Nossa Senhora de Guadalupe*.

[11] S. Josemaria, “*As riquezas da fé*”.

[12] cf. S. Josemaria, *Forja*, 638.

[13] *Amigos de Deus*, 173.

[14] S. João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia* (17-IV-2013), 53-58.

[15] cf. *Act 2*, 42.

[16] B. Paulo VI, Ex. ap. *Marialis cultus* (2-II-1974), 57.

[17] Papa Francisco, Homilia, 5-VII-2014.

[18] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 76.

OS SANTOS NO ANO LITÚRGICO: COMO UMA GRANDE SINFONIA

No concerto da história, cada santo toca um instrumento diferente. Assomamo-nos a essa música celebrando a sua memória ao longo do ano litúrgico.

Na representação do Juízo Final da Capela Sistina, obra-prima de Miguel Ângelo, vemos Cristo no centro, que parece governar o universo com um movimento de braço. Ao seu lado encontra-se Santa Maria, que olha com piedade os seus filhos enquanto se apresentam diante do Juiz supremo. Em torno destas duas figuras dispõe-se uma multidão de personagens: santos do Antigo e do Novo Testamento, mártires e apóstolos, que contemplan o Salvador.

Este tipo de representação do Juízo Final possui uma longa tradição na arte cristã. Na Idade Média era comum, nas fachadas das igrejas e catedrais e, por vezes, também no seu interior, mostrar Cristo rodeado de santos: homens e mulheres, jovens e anciãos, sábios doutores e simples trabalhadores manuais, reis e papas, monges e soldados, virgens e pais de família, de todos os ambientes e lugares, de todas as raças e culturas. Esta imensa turba, com frequência, era acompanhada de anjos a tocar instrumentos musicais, fazendo do conjunto uma grande orquestra que interpreta uma linda sinfonia, dirigida pelo compositor e maestro, Jesus Cristo. Bento XVI comparou os santos com um grande «conjunto de instrumentos que, mesmo com a sua individualidade, elevam a Deus uma única e grande sinfonia de intercessão, de ação de graças e de louvor»^[1]. Cada um é mestre de um instrumento diferente, e o resultado é uma música variada, sempre nova, que interpretamos quando, ao longo do ano litúrgico, celebramos a sua memória. Os bem-aventurados fazem parte da nossa vida pela Comunhão dos Santos: estamos unidos à Igreja do Céu, «onde as almas estão a

triunfar com o Senhor»[2]. A sensibilidade litúrgica cristã manifesta-se quando se entrelaça o que cremos, vivemos, celebramos e rezamos.

Riquezas da santidade cristã

Ao longo da história, são inumeráveis os homens e mulheres que puseram em prática as palavras de Jesus: «*Estote ergo vos perfecti, sicut Pater vester caelestis perfectus est*, sede perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito»[3]. A riqueza de carismas do Espírito Santo, as diferenças no modo de ser das pessoas e a ampla gama de situações em que os cristãos viveram, fazem com que este mandato do Senhor encarne de maneiras diversas. «Cada estado de vida conduz à santidade, sempre! Na tua casa, pela rua, no trabalho, na igreja, neste momento e no teu estado de vida, abriu-se o caminho para a santidade»[4].

Quanto atraem os santos! A vida de uma pessoa que lutou por se identificar com Cristo constitui uma grande apologia da fé. A sua potentíssima luz resplandece no meio do mundo. Se em determinadas ocasiões parece que a história dos homens é governada pelo reino da obscuridade, isso deve-se, possivelmente, a que essas luzes brilham em menor número ou mais tenuamente: «estas crises mundiais, indicava S. Josemaría, são crises de santos»[5]. O contraste entre a luminosa existência dos santos e as trevas em que, quiçá, se viram rodeados, pode ser grande; de facto, muitos foram objeto de incompreensões ou de perseguições, abertas ou assolapadas, como sucedeu ao Verbo Encarnado: «veio a luz ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz»[6]. No entanto, a experiência mostra-nos o indubitável atrativo dos santos: em tantos ambientes da nossa sociedade, continua-se a reconhecer com admiração o testemunho de uma vida cristã forte, radical, coerente. As histórias dos santos mostram, além disso, como o contacto com o Senhor enche o coração de paz e de alegria; como se pode difundir serenidade, esperança e otimismo à nossa volta; e como permanecer, ao mesmo tempo, abertos às necessidades dos outros, especialmente às dos mais desfavorecidos.

A devoção aos santos

A insondável riqueza da santidade cristã foi continuamente recordada e meditada pela Igreja à luz da Palavra de Deus. A Liturgia celebra com amor todos os anos os seus filhos que passaram pelo mundo, como Jesus, «fazendo o bem»[7], sendo vivas luminárias para os seus irmãos os homens, ajudando-os a ser felizes nesta terra e na vida futura. As datas que comemoram as suas respetivas memórias litúrgicas correspondem habitualmente ao dia da sua morte ou *dies natalis*: a data em que nascem para a nova vida, a do Céu. Noutras ocasiões, recordam outros momentos destacados na sua biografia, especialmente os relacionados com a receção dos sacramentos.

Grande era a devoção de S. Josemaria aos santos: «Que amor, o de Teresa! – Que zelo, o de Xavier! – Que homem tão admirável, S. Paulo! – Ah, Jesus, pois eu... amo-Te mais do que Paulo, Xavier e Teresa!»[8]. A Sagrada Liturgia é um lugar privilegiado para crescer em amor a estes intercessores celestes e para os sentir próximos, como amáveis companheiros de viagem, durante a vida terrena. O Missal Romano, recolhendo uma tradição multissecular de fé celebrada, contém formulários comuns de orações para as Missas de mártires, pastores, doutores da Igreja, virgens e santos e santas que atingiram a plenitude da vida cristã em circunstâncias e estados de vida diferentes. Na maioria dos casos, as suas celebrações contêm algumas destas orações comuns e outras orações próprias.

Em qualquer família festejam-se, de modo especial, os aniversários dos membros mais destacados, como o pai ou a mãe, os avós... Assim sucede também na família de Deus que é a Igreja. Além das festas de Santa Maria, o calendário geral celebra as *solenidades* de S. José (19 de março); da Natividade de S. João Batista (24 de junho); de S. Pedro e S. Paulo (29 de junho) e de Todos os Santos (1 de novembro). A elas se somam um bom número de *festas* de santos: além das dos apóstolos e evangelistas, que balizam todo o ano, são festas as memórias litúrgicas de S. Lourenço (10 de agosto); Santo Estêvão protomártir (26 de dezembro) e os santos Inocentes (28 de

dezembro). A estas datas unem-se as *memórias*, cuja celebração pode ser livre ou obrigatória. Na Obra, além das festas do Senhor, de Nossa Senhora e de S. José, celebram-se com especial devoção as festividades da Santa Cruz; as dos santos Arcanjos e Apóstolos, padroeiros dos trabalhos apostólicos da Prelatura; as dos outros Apóstolos e Evangelistas; a dos Anjos da Guarda (2 de outubro).

Como se lê no livro do Apocalipse, os santos constituem «uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas»[9]. Este Povo compreende os santos do Antigo Testamento, como o justo Abel e o fiel patriarca Abraão; os do Novo Testamento; os numerosos mártires do início do cristianismo e os beatos e santos dos séculos sucessivos. É a grande família dos filhos de Deus, formada por aqueles que modelaram a sua vida sob o impulso do eterno animador, o Espírito Santo.

As coletas do Missal Romano

Um escritor francês contemporâneo dizia que os santos são como «as cores do espectro em relação à luz»[10]. Cada um expressa, com tonalidades e brilhos próprios, a luz da santidade divina. Parece como se o fulgor da Ressurreição de Cristo, ao atravessar o prisma da humanidade, se abrisse numa gradação de cores tão variadas como fascinantes. «Quando a Igreja, no ciclo anual, faz memória dos mártires e dos demais santos “proclama o mistério pascal cumprido neles, que padeceram com Cristo e foram glorificados com Ele; propõe aos fiéis os seus exemplos, que atraem a todos por meio de Cristo ao Pai e, pelos seus méritos, implora os benefícios divinos”»[11].

Através dos formulários das Missas dos santos do Missal Romano, a Igreja expressa a sua oração em palavras que nos ajudam a considerar as diferentes cores desse espectro de luz. Em cada uma destas celebrações, existe pelo menos a oração coleta própria do santo, que o sacerdote recita nos ritos iniciais, imediatamente antes da liturgia da Palavra. Esta breve oração indica-nos o caráter da celebração[12]: recorda de modo sucinto que aspeto da santidade de Deus brilhou com mais vigor no santo que comemoramos nesse dia.

Frequentemente começam por evocar alguma faceta da história da salvação, em particular do Mistério de Cristo. É, além disso, habitual que encomendem o povo cristão ao santo ou santa, cuja intercessão se suplica para alguma circunstância da vida.

O conteúdo das coletas é muito rico e variado. Assim, por exemplo, na memória de S. João Fisher e S. Tomás Moro (22 de junho) pede-se a coerência entre a fé e a própria existência (aquilo a que S. Josemaria chamará a unidade de vida); ou implora-se ter ardor apostólico como S. Francisco Xavier (3 de dezembro); ou viver do mistério de Cristo, contemplando especialmente a sua Paixão, como fez Santa Catarina de Sena (29 de abril); ou ser inflamados no coração com o fogo do Espírito Santo, no dia de S. Felipe Néri (26 de maio). Noutras ocasiões requerem-se dons e graças para a Igreja: a fecundidade do apostolado na memória de S. Carlos Lwanga e companheiros mártires (3 de junho); a bênção de ter pastores segundo o coração de Jesus, no dia de Santo Ambrósio (7 de dezembro); ou uma abertura confiada dos corações à graça de Cristo, como repetia S. João Paulo II (22 de outubro). Com os santos percorrem-se também as mil voltas da vida cristã: assim, na memória de S. João Diego (9 de dezembro) contempla-se o amor da Santíssima Virgem para com o seu povo, e na de Santa Águeda (5 de fevereiro) recorda-se como agrada a Deus a virtude da pureza.

Estes exemplos, que poderiam multiplicar-se indefinidamente, mostram-nos como as orações das celebrações dos santos constituem uma fonte riquíssima para o nosso tempo de oração pessoal do dia, ou para nos dirigirmos ao Senhor espontaneamente com alguma frase ao longo das horas de trabalho e de descanso. São como gemas preciosas de beleza singular, pois algumas contam com muitos séculos de antiguidade, que se engastam essas joias da Tradição cristã que são as celebrações litúrgicas. Com elas, rezamos como rezaram tantas gerações de cristãos. As memórias e festas dos santos ao longo do ano oferecem-nos oportunidades de conhecer um pouco mais estes poderosos intercessores diante da Trindade, bem como de fazer novos amigos no Céu.

Estrelas de Deus

Nos santos «o contacto com a palavra de Deus provocou, por assim dizer, uma explosão de luz, através da qual o resplendor de Deus ilumina o nosso mundo e nos mostra o caminho. Os santos são estrelas de Deus, que deixamos que nos guiem para aquele que deseja ardentemente o nosso ser»[13]. Da mesma forma que a estrela do Oriente guiou os Magos para o seu encontro pessoal com Cristo, os santos indicam-nos, como estrelas polares na noite, qual é o “norte” para o qual nos devemos dirigir.

Entre essas estrelas que assinalam o caminho, a Igreja propôs também publicamente à devoção do povo cristão S. Josemaria e ao Beato Álvaro. O ardor apostólico e o serviço desinteressado à Igreja e a todas as almas, que esculpiram a identidade cristã do Fundador do Opus Dei e do seu primeiro sucessor, caracterizam as orações que a Igreja eleva a Deus nas suas respetivas festas litúrgicas. No primeiro caso, a Igreja implora ao nosso Pai Deus que, pela intercessão de S. Josemaria, no meio do trabalho corrente, «nos configuremos ao teu Filho Jesus Cristo e sirvamos com ardente amor à obra da Redenção»[14] e que a celebração dos sacramentos «fortaleçam em nós o espírito de filhos adotivos»[15]. Na oração colecta do Beato Álvaro roga-se que, imitando o seu exemplo, «nos gastemos humildemente na missão salvífica da Igreja»[16], porque D. Álvaro foi fiel à Igreja e seguiu lealmente S. Josemaria na difusão da mensagem da chamada universal à santidade e ao apostolado.

Ajuda-nos a recorrer assiduamente à intercessão de S. Josemaria e do Beato Álvaro para que nos alcancem do Céu a fidelidade à nossa própria vocação, em todas as circunstâncias. “Lendo” as suas vidas – como se fossem um grande romance – aprendemos a ser santos na vida corrente. De facto, como recordava S. Bernardo numa homilia do dia de Todos os Santos, «os santos não necessitam das nossas honras, nem a nossa devoção lhes acrescenta nada (...); a veneração da sua memória redundará em nosso proveito e não no seu. Pelo que a mim me respeita, confesso que, ao pensar neles, se inflama em mim um forte desejo»[17]. Eis aqui, portanto, o significado do culto destes

homens e mulheres de Deus: «contemplar o luminoso exemplo dos santos, suscitar em nós o grande desejo de ser como eles, felizes por viver junto de Deus, na Sua luz, na grande família dos amigos de Deus»[18]. Além disso, ao contemplar – ao longo do ano – os santos e santas de todos os lugares e de todos os tempos, experimentamos que «foram, são normais: de carne, como a tua. E venceram»[19].

A celebração do culto aos santos recorda-nos com vigor a chamada universal à santidade: com a graça de Deus, todos podemos corresponder com plenitude ao amoroso convite para participar da Vida divina, nas nossas circunstâncias. Como animava o Papa Francisco: «Muitas vezes temos a tentação de pensar que a santidade está reservada apenas para os que têm a possibilidade de se distanciarem das ocupações correntes, para se dedicarem exclusivamente à oração. Mas não é assim. Alguns pensam que a santidade é fechar os olhos e pôr cara de santinho. Não! Isto não é a santidade. A santidade é algo maior, mais profundo que nos dá Deus. Mais, estamos chamados a ser santos precisamente vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho cristão nas ocupações de cada dia»[20]. Pessoas de todas as condições percorrem o caminho da perfeição cristã: «há muitos cristãos maravilhosamente santos; há muitas mães de família maravilhosamente, encantadoramente santas; há muitos pais de família fantásticos. Ocuparão no Céu lugares maravilhosos. E operários e camponeses. Onde menos se pensa, há aí almas que vibram»[21].

Que entusiasmo considerar que, conforme passem os anos, serão cada vez mais os santos da vida quotidiana, que celebraremos liturgicamente para que nos impulsionem a enamorarmo-nos de Cristo nos nossos afazeres habituais!

Fernando López Arias

[Voltar ao índice](#)

[1] Bento XVI, Audiência, 25-IV-2012.

[2] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 26-VI-1974, em *Catequese na América I*, 695 (AGP, biblioteca, PO4).

[3] *Mt* 5, 48.

[4] Francisco, Audiência, 19-XI-2014.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 301.

[6] *Jo* 3,19.

[7] *Act* 10, 38.

[8] *Caminho*, n. 874.

[9] *Ap* 7, 9.

[10] J. Guittou, *Oeuvres Complètes 2*, Paris: Desclée de Brouwer, 1968, 933.

[11] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1173. Cfr. Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 104.

[12] Cfr. *Instrução geral do Missal Romano*, n. 54.

[13] Bento XVI, Homilia, 6-I-2012.

[14] Oração coleta da Missa de S. Josemaria (26 de junho).

[15] Oração pós-comunhão da Missa de S. Josemaria (26 de junho).

[16] Oração coleta da Missa do Beato Álvaro (12 de maio).

[17] S. Bernardo, *Sermo 2*, em *Opera Omnia Cisterc.* 5, 364 (*Lectio altera* do Ofício de leituras da Liturgia das Horas de 1 de novembro).

[18] Bento XVI, Homilia, 1-XI-2006.

[19] *Caminho*, n. 133.

[20] Francisco, Audiência, 19-XI-2014.

[21] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 18-V-1970, em *Crónica 1970*, 284 (AGP, biblioteca PO1).

CANTO E MÚSICA NA LITURGIA: A MÚSICA QUE VEM DE DEUS

A música teve sempre um lugar central na liturgia cristã. Como o silêncio, é uma linguagem de que necessitamos para entrar em sintonia com a beleza de Deus, para descobrir a sua presença. Vão-se as pressas, vão-se os cálculos, como sempre que se trata de amor: cantamos porque queremos ter tempo para Deus.

«*Cantemus Domino, gloriose enim magnificatus est! Cantarei ao Senhor porque estupenda foi a vitória*»[1]. Sem solução de continuidade, a liturgia da Vigília Pascal une este canto ao relato da passagem de Israel através do mar Vermelho: a música, cheia de alegria, surge espontânea ao *tocar* a proximidade de Deus. O portento das águas divididas converteu-se, para o Povo eleito, em emblema dessa proximidade de Deus: os salmos fazem-se, com frequência, eco disso[2]. No tempo da Igreja, este evento fala-nos do batismo, da Cruz, do céu... Fala-nos da nossa vida e da Vida que Deus nos tem preparada na outra margem, que «não é um simples embelezar esta vida atual: ela supera a nossa imaginação, porque Deus nos surpreende continuamente com o seu amor e com a sua misericórdia»[3].

Diante «do Deus das surpresas»[4], um Deus que sempre faz novas as coisas[5], « as palavras tornam-se supérfluas, porque a língua não consegue expressar-se; o entendimento aquietar-se. Não se discorre, olha-se! E a alma rompe outra vez a cantar com um cantar novo, porque se sente e se sabe também olhada amorosamente por Deus a toda a hora»[6]. Diante do Deus que nos surpreende com a sua novidade, brotam espontâneos o louvor e a adoração: o canto e o silêncio. Um e outro estão profundamente relacionados, porque

expressam o que as meras palavras não conseguem dizer. Por isso, a liturgia os reserva para os seus momentos mais sublimes. «Canta a Igreja – diz-se – porque falar não seria bastante para a sua oração. – Tu, cristão – e cristão escolhido – deves aprender a cantar liturgicamente»[7].

Um cântico novo

Humanamente irresolúvel. Assim era a situação do Povo eleito, encurralado entre o Mar Vermelho e o exército egípcio. À frente, a barreira do mar; à retaguarda, a força beligerante das armas. «O inimigo tinha dito: ‘Vou perseguir, alcançar, repartir os despojos, saciar-me deles. Vou tirar minha espada e despojá-los com a minha mão»[8]. Assim se encontra também a Igreja, tantas vezes, assediada por aqueles que quereriam apagá-la da face da terra, ou, pelo menos, esvaziá-la do seu caráter sobrenatural.

Mas Deus está connosco, como estava com os israelitas. Diante dos impossíveis humanos, brilha a sua glória por contraste com o poderio do Faraó e dos faraós da história: de modos inesperados, o mar aparta-se e abre-nos a passagem, e fecha-se de novo perante o inimigo. «Sopraste com teu vento, e o mar os cobriu; afundaram-se como chumbo em águas profundas»[9].

A narração sagrada não desvela os pensamentos de Israel, enquanto atravessavam o mar por caminho enxuto, com muralhas de água à direita e à esquerda. Só no final, a Bíblia volta o seu olhar sobre os israelitas para mostrar a sua reação. «Israel viu a mão poderosa do Senhor agir contra o Egito. O povo temeu o Senhor e teve fé no Senhor e em Moisés, seu servo. Então Moisés e os israelitas cantaram ao Senhor este cântico: “Cantarei ao Senhor porque estupenda foi a vitória»[10]: temor e renovada fé em Deus, que se desborda no primeiro cântico novo[11] de que a Escritura dá notícia.

Não conhecemos essa música. Ninguém a pôde recolher de nenhuma forma e nem sequer a tradição oral a fez chegar até nós. Mas devia ser sincera: brotava de um profundo agradecimento,

expressava um profundo sentido de adoração. Devia ser avassaladora: qualquer testemunha externa teria podido tocar a presença de Deus naquele cântico, como a tocaram aqueles que a entoaram.

Depois deste episódio, os israelitas encontrarão mais dificuldades no deserto. Primeiro, as águas amargas de Mará, que se tornam doces em virtude do madeiro, figura da Cruz[12]; depois, o rigor do deserto de Sin, que o Senhor mitiga com o maná e as codornizes; as águas de Masá e Meribá... Deus saía sempre ao encontro das dificuldades e o povo renovava o seu cantar. A esperança era chegar ao momento em que tudo seria já cântico novo.

A vinda de Cristo inaugurou a salvação definitiva: «A salvação vem do nosso Deus que se senta no trono e do Cordeiro»[13]. O cântico novo, que já não passa, começou-se a entoar. Ao mesmo tempo, no entanto, esperamos o momento em que seja pleno, tal como no-lo apresenta o Apocalipse[14]. De certo modo, a Igreja já chegou à Terra Prometida, mas continua a sua peregrinação pelo deserto: por isso na liturgia fala de si mesma como «*peregrinans in terra*»[15]. Na realidade, “novo”, na linguagem bíblica, «não indica tanto a novidade exterior das palavras, mas a plenitude última que sela a esperança. Assim pois, se canta a meta da história, em que por fim calará a voz do mal (...). Mas depois deste aspeto negativo apresenta-se, com um espaço muito maior, a dimensão positiva, a do novo mundo feliz que está quase a chegar»[16].

A música do céu, na terra

Quando o Cordeiro «recebeu o livro, os quatro Seres vivos e os vinte e quatro Anciãos prostraram-se (...). Todos tinham harpas e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos. E entoaram um cântico novo»[17]. A Sagrada Escritura não se poupa, na sua sobriedade, à menção do canto no céu. É lógico que o faça, porque «Deus não é solidão, mas amor glorioso e alegre, difusivo e luminoso»[18]. A imaginação pode sugerir-nos a música que acompanhou a Virgem quando a Trindade Beatíssima a recebeu no céu. Exércitos de anjos esperam a sua Rainha que está para chegar

em corpo e alma. A música é solene; transborda de afeto, de alegria, do delicado equilíbrio da beleza. A Virgem aparece, esplendorosa, e o Filho, que introduziu a humanidade no seio da Trindade, recebe a sua Mãe.

A liturgia terrena, também quando não nos conseguimos aperceber de toda a sua beleza, talvez pelas circunstâncias externas ou pelas nossas próprias, é «o culto do templo universal que é Cristo ressuscitado, cujos braços estão estendidos na cruz para atrair a todos no abraço do amor eterno de Deus. É o culto do céu aberto»[19]. Por isso, os prefácios da Missa terminam sempre convidando todos a cantar *Sanctus* juntamente com os anjos e os santos. No *Sanctus* a terra e o céu unem-se: «associamo-nos cheios de gratidão a este cantar de todos os séculos, que une céu e terra, anjos e homens»[20]. «Eu aplaudo e louvo com os Anjos, dizia São Josemaría; não me é difícil, porque me sei rodeado deles, quando celebro a Santa Missa. Estão a adorar a Trindade»[21].

Certamente, no relato do anúncio dos anjos aos pastores, «Lucas não diz que os anjos cantaram. Ele escreve muito sobriamente: o exército celestial louvava a Deus dizendo: “Glória a Deus no céu...” (Lc 2, 13s). Mas os homens sempre souberam que o falar dos anjos é diferente do dos homens; que precisamente esta noite da mensagem gozosa foi um cântico em que brilhou a glória sublime de Deus. Por isso, este cântico dos anjos foi entendido desde o princípio como música que vem de Deus, mais ainda, como convite a unir-se ao cântico, à alegria do coração por sermos amados por Deus»[22].

Este é o enquadramento em que se insere a rica criatividade musical da liturgia, que começou a desenvolver-se com a oração de Israel: o esforço por entrar em sintonia com a beleza de Deus, por nos assomarmos ao céu. «A liturgia é tempo de Deus e espaço de Deus, e nós devemos entrar ali, no tempo de Deus, no espaço de Deus e não olhar para o relógio. A liturgia é precisamente entrar no mistério de Deus; deixar-nos levar ao mistério e estar no mistério»[23]. São Josemaría escrevia, nessa mesma linha, que na Santa Missa «deveriam parar os relógios»[24]: perante Deus não

pode ter lugar uma posição meramente instrumental, pragmática. «A aparição da beleza, do belo, faz-nos alegres sem termos que nos perguntar pela sua utilidade. A glória de Deus, de que provém toda a beleza, faz saltar em nós o assombro e a alegria»[25].

Ao alcance de todos

A participação de cada um no canto litúrgico manifesta também o carinho, o «sentido do mistério»[26] que nos leva a pôr entre parenteses os critérios de eficácia próprios de outros contextos. Sem deixar de atender às circunstâncias profissionais e familiares de todos, muitas vezes pode dar-se à celebração litúrgica esse toque que ajuda, de um modo concreto, a adorar a Deus. Talvez nisto iremos a contracorrente de uma cultura pragmatista de que também nós somos filhos; mas também assim, dando à liturgia o seu tempo, com o resplendor simples da nossa fé, levamos o mundo a Deus: Fazemo-lo presente na muito atarefada vida moderna, que não sabe ter tempo para Ele. « Não é estranho que muitos cristãos - pausados e até solenes na vida social (não têm pressa), nas suas pouco activas actuações profissionais, na mesa e no descanso (também não têm pressa) - se sintam apressados e apressem o Sacerdote na sua ânsia de encurtar, de abreviar o tempo dedicado ao Santíssimo Sacrifício do Altar?»[27]. A fé «é amor e por isso cria poesia e cria música»[28]: se a nossa fé é viva, também saberemos parecer-nos nisto aos primeiros cristãos, a quem São Paulo animava a cantar e a celebrar o Senhor com todo o coração[29].

Não é, pois, a música litúrgica uma questão de sentimentalismo ou de esteticismo, é questão de amor, de querer «tratar a Deus com ternura de coração»[30] e não «de uma maneira oficial e seca, com uma fé que não tem vibração»[31]. Do mesmo modo que sentiríamos a falta da música num momento festivo da vida, é natural que queiramos dar esse realce à liturgia. Às vezes, na celebração quotidiana, bastará um cântico breve, piedoso: *Adoro te devote, Ave Maris Stella, Rorate Coeli*, etc. Nas festas, em função das aptidões dos fiéis, a música adquirirá um maior protagonismo, cantando

algumas partes da Missa – o *Gloria*, o *Sanctus*, etc. – e servindo-se talvez do acompanhamento do órgão.

Ao longo dos séculos, a Igreja formou uma preciosa tradição de música sacra. A novidade do culto cristão impulsionou a procurar formas poéticas e musicais novas que expressaram como a oração se elevava a níveis inusitados: «Corresponde aos homens cantar *Salmos*, mas cantar hinos corresponde aos Anjos e àqueles que levam uma vida como a dos Anjos»[32]. Assim, a liturgia romana destaca o gregoriano como canto próprio[33], com o qual podemos orar durante a celebração da Santa Missa; por exemplo, o Missal Romano de altar oferece as notas para poder cantar o *Per ipsum* no final da Oração Eucarística, bem como outras orações.

Dentro do grande repertório de música sacra cristã, encontram-se cânticos ao nível de todas as sensibilidades e capacidades, desde melodias simples, até complexas polifonias. Há também cânticos de feitura mais recente que, a partir da própria identidade cultural, sabem pôr música no mistério de Deus. Tanto as peças mais tradicionais como as modernas encontram-se em livros publicados para a ajuda dos fiéis; também se podem fazer recompilações dos cânticos mais adequados a cada lugar.

Este é um campo promissor também para as pessoas com mais preparação musical; o esforço por dirigir a sua criatividade para tornar mais luminoso o culto fá-los-á também mais generosos com Deus, porque dedicando esse tempo ao Senhor e aos outros estão a oferecer o sacrifício de Abel[34]. Em todo o caso, vale a pena pôr aqui, pelo menos, o entusiasmo com que se prepara, por exemplo, a celebração de um aniversário: aprendendo e ensaiando canções que pertencem à cultura cristã, expressam uma autêntica sensibilidade litúrgica e dão material para a nossa oração. Com efeito, na liturgia estamos com Deus e Deus gosta que cantemos, porque às vezes falar não basta.

A linguagem da adoração

A música, na liturgia, não é um mero acompanhamento ou ornamentação; também não é a interpretação de um tema religioso que chama a atenção sobre si mesmo: num e noutro caso, a música decorreria em paralelo com a celebração, quando se trata, pelo contrário, de que seja uma mesma coisa com ela[35]. A verdadeira música litúrgica é ela própria oração, é ela própria liturgia; não nos dispersa, não se limita a dar-nos uma alegria sensível ou um prazer estético: recolhe-nos, introduz-nos no mistério de Deus. Conduz-nos à adoração, que tem no silêncio uma das suas linguagens privilegiadas: «o silêncio – recorda-nos o Papa – guarda o mistério»[36]. Se a música é de Deus, não competirá com o silêncio: levar-nos-á para o silêncio verdadeiro, o do coração.

Os instantes de silêncio que a liturgia prevê – antes de iniciar a Missa, no ato penitencial, nos *mementos*, na consagração, etc. – são convites a recolher-nos em adoração. Preparam-nos para o momento da comunhão, porque «para comungar verdadeiramente com outra pessoa devo conhecê-la, saber estar em silêncio junto dela, escutá-la, olhá-la com amor. O verdadeiro amor e a verdadeira amizade vivem sempre desta reciprocidade de olhares, de silêncios intensos, eloquentes, cheios de respeito e veneração, de maneira que o encontro se viva profundamente, de modo pessoal e não superficial»[37].

«Tu, eu, adoramos o Senhor?», pergunta-nos o Papa, dirigindo-nos para o centro íntimo da liturgia, que será o nosso céu. «Recorremos a Deus só para pedir, para agradecer, ou dirigimo-nos a Ele também para O adorar? Mas, então, o que quer dizer adorar a Deus? Significa aprender a estar com Ele, a parar para dialogar com Ele, sentindo que a sua presença é a mais verdadeira, a melhor, a mais importante de todas (...); adorar o Senhor quer dizer que estamos convencidos diante d’Ele que é o único Deus, o Deus da nossa vida, o Deus da nossa história»[38].

Carlos Ayxelà

Voltar ao índice

- [1] *Ex* 15,1.
- [2] Cfr. *Sal* 65 (66); 77 (78); 105 (106); 135 (136).
- [3] Francisco, *Ángelus*, 10-XI-2013.
- [4] Francisco, *Homilia* em Santa Marta, 20-I-2014.
- [5] Cfr. *Ap* 21,5.
- [6] São Josemaría, *Amigos de Deus*, 307.
- [7] São Josemaría, *Caminho*, 523.
- [8] *Ex* 15,9.
- [9] *Ex* 15,10.
- [10] *Ex* 14,31 - 15,1.
- [11] Cfr. *Sal* 32 (33); 39 (40); 95 (96); 97 (98); 143 (144); 149.
- [12] Cfr. *Ex* 14,22-25.
- [13] *Ap* 7,10.
- [14] *Ap* 5,9-10; 14,3.
- [15] *Missal Romano*, Oração eucarística III.
- [16] Bento XVI, *Audiência*, 26-I-2006. Cfr. *Sal* 143 (144).
- [17] *Ap* 5,8-9.
- [18] Bento XVI, *Homilia*, 19-II-2012.
- [19] Bento XVI, *Audiência*, 3-X-2012.
- [20] Bento XVI, *Homilia*, 24-XII-2010.
- [21] São Josemaría, *Cristo que passa*, 89.
- [22] Bento XVI, *Homilia*, 24-XII-2010.
- [23] Francisco, *Homilia*, 10-II-2014.

- [24] São Josemaría, *Forja*, 436.
- [25] Bento XVI, *Homilia*, 24-XII-2010.
- [26] João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia*, 17-IV-2003, 49.
- [27] *Caminho*, 530.
- [28] Bento XVI, *Audiência*, 21-V-2008.
- [29] Cfr. *Ef* 5,19; *Col* 3,17.
- [30] *Amigos de Deus*, 167.
- [31] *Forja*, 930.
- [32] Orígenes, *Sel. in psalmos*, em *Sal* 119[118],71.
- [33] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum concilium* (4-XII-1963), 116.
- [34] Cfr. *Missal Romano*, Oração Eucarística I; Cfr. *Gen* 4,4.
- [35] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 112.
- [36] Francisco, *Homilia* em Santa Marta, 20-XII-2014.
- [37] Bento XVI, *Homilia*, 7-VI-2012.
- [38] Francisco, *Homilia*, 14-IV-2013.

EPÍLOGO

REUNIDOS EM COMUNHÃO: REZANDO COM TODA A IGREJA

O Canon Romano dá-nos a medida da oração da Igreja, que abraça o espaço e o tempo, como os braços abertos de Jesus na Cruz.

«Celebro a Missa com todo o povo de Deus. Direi mais: estou também com os que ainda não se aproximaram do Senhor, os que estão mais longe e ainda não são da sua grei; a esses também os tenho no coração. E sinto-me rodeado por todas as aves que voam e cruzam o azul do céu, algumas até que olham fixamente para o sol (...). E rodeado por todos os animais que estão sobre a terra: os racionais, como somos os homens, embora às vezes percamos a razão, e os irracionais, aqueles que andam pela superfície terrestre, ou os que vivem nas profundezas ocultas do mundo. Eu sinto-me assim, renovando o Santo Sacrifício da Cruz!»[1].

Vimos percorrendo os diversos momentos do ano litúrgico, aprofundando em todo o arco de tonalidades que adquire, no tempo, a oração da Igreja. Estas palavras de S. Josemaria sobre a Eucaristia, «coração do mundo»[2], põem diante de nós o verdadeiro alcance do culto cristão, que, como já um dos salmos messiânicos anunciava, abraça todo o espaço – «*a mari usque ad mare*, de mar a mar»[3] – e todo o tempo – «como o sol e a lua, de geração em geração»[4]. Tudo começou na Cruz: Jesus reunia já então na sua oração toda a Igreja e dava, assim, corpo à *communio sanctorum* de todos os lugares e de todos os tempos. E tudo volta à Cruz: «*omnes traham ad meipsum*, atrairei todos a Mim»[5]. Em cada celebração eucarística está toda a Igreja, céus e terra, Deus e os homens. Por isso na Santa Missa ficam superadas não só as fronteiras políticas ou sociais, mas também as que separam Céu e terra. A Eucaristia é

katholikē, que em grego significa universal, católica: tem a medida do todo, porque ali está Deus, e com Ele estamos todos, em unidade com o Papa, com os Bispos, com os crentes de todas as épocas e lugares.

Vamos debruçar-nos, já no final desta série, a alguns aspetos da Oração Eucarística, através do Cânon Romano[6]. Entreveremos assim essa amplitude da oração da Igreja, que surge da amplitude de Deus. Se procuramos rezar na Missa com esse sentido universal, de não estar sós, o Senhor dilatar-nos-á o coração – «*dilatasti cor meum*»[7] – far-nos-á rezar com todos os nossos irmãos na fé; far-nos-á ser memória de Deus, bálsamo de Deus, paz de Deus para toda a humanidade.

Sanctus, Sanctus, Sanctus

A Oração Eucarística começa com o Prefácio, que põe sempre diante dos nossos olhos motivos de ação de graças. Às vezes não seremos capazes de os apreciar, todos eles, como algo que nos toca de perto. Mas a Igreja sim que sabe o que agradece e podemos confiar na sua sabedoria, ainda que às vezes não entendamos. Precisamente o final do Prefácio recorda-nos que é Ela, a Igreja de todos os lugares e de todos os tempos, que celebra a Eucaristia, quer participem milhares de pessoas quer se «ajuda o sacerdote como único assistente um menino, talvez distraído»[8].

O Prefácio termina com o *Sanctus*, «o louvor incessante que a Igreja celestial, os anjos e todos os santos, cantam ao Deus, três vezes santo»[9]. Cantamos, unidos à liturgia do céu, e fazemo-lo não só em nome próprio, mas no de toda a humanidade e no de toda a criação, que necessita da voz do homem. Somos por isso *liturgos* da criação, intérpretes e sacerdotes do canto que as criaturas querem entoar a Deus: «Fazemos menção do céu e da terra, do mar, do sol e da lua, dos astros e de todas as criaturas racionais e irracionais, visíveis e invisíveis, dos anjos, das virtudes, das dominações, das potestades, dos tronos, dos querubins de muitos rostos (cf. *Ez* 10, 21), com o desejo de dizer o que David disse: Engrandecei comigo o Senhor (*Sal* 33, 4)»[10].

Memento Domine...

Esta oração eclesial, este rezar juntos, entende-se também nas *intercessões*: «*Memento Domine*, recordai-Vos Senhor», dizemos-Lhe, e convertemo-nos então nós próprios em «memória de Deus» para a nossa família e amigos, para as pessoas que se confiam à nossa oração e também para todos aqueles de que, talvez, só Ele se lembre. Trata-se de algo essencial na «nossa Missa»[11], porque «se falta a memória de Deus, tudo fica rebaixado, tudo fica no eu, no meu bem-estar. A vida, o mundo, os outros, perdem a consistência, já não contam nada (...). Se perdemos a memória de Deus, também nós perdemos a consistência, também nós nos esvaziamos, perdemos o nosso rosto como o rico do Evangelho»[12].

A oração de intercessão introduz-nos em pleno na oração de Jesus, que é o único intercessor diante do Pai em favor de todos os homens. «Interceder, pedir em favor de outro é próprio, desde Abraão, dum coração conforme com a misericórdia de Deus. No tempo da Igreja, a intercessão cristã participa na de Cristo: é a expressão da comunhão dos santos»[13]. As primeiras comunidades cristãs viveram intensamente esta forma de petição que não conhece fronteiras, como se é perceptível já desde as primeiras anáforas eucarísticas. Procuravam adquirir os sentimentos d'Aquele que «quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade»[14]. Na Oração Eucarística, se pomos carinho da nossa parte, Deus dilata-nos o coração, transforma-o à medida do de Cristo.

Com essa magnanimidade pedimos em primeiro lugar por toda a Igreja: «dai-lhe a paz e congregai-a na unidade, defendei-a e governai-a em toda a terra ...». E começamos por nos unir ao Papa, ao Bispo da nossa diocese e, claro, ao Pai: rezamos assim «bem apinhados, formando uma família muito unida»[15].

Depois, a intercessão converte-se em petição por todos os fiéis presentes e em favor daqueles pelos quais se oferece o sacrifício: «*Memento, Domine, famulorum famularumque tuarum N. et N. et omnium circumstantium...* Lembrai-Vos, Senhor, dos Vossos servos

e servas N. e N., e de todos os que estão aqui presentes, cuja fé e dedicação ao vosso serviço bem conheceis...». A Oração Eucarística I coloca diante do Senhor as necessidades daqueles, cristãos ou não, pelos quais se reza especificamente, ainda que não seja necessário dizer os nomes em voz alta. O sacerdote, dizem as rúbricas, junta as mãos e ora uns instantes por aqueles que tem intenção de encomendar a Deus. S. Josemaria habitualmente podia deter-se um pouco mais: «Faço um Memento muito longo. Cada dia há coloridos diversos, vibrações distintas, umas luzes cuja intensidade vai daqui para ali. Mas o denominador comum do meu oferecimento é este: a Igreja, o Papa e o Opus Dei. (...) Lembro-me de todos, de todos: não posso fazer uma exceção. Não vou lembrar este, porque é meu inimigo; deste ainda menos, porque me fez mal; daquele também não, porque me caluniou, me difama, mente... Não! Por todos!»[16].

Communicantes et memoriam venerantes...

O Cânon Romano recorda-nos também que na Santa Misa estamos, não só com o Senhor, mas também com os homens de qualquer lugar e tempo. Por isso se fala não só da Trindade e do Verbo encarnado, da Sua morte e da Sua ressurreição; pronunciam-se também os nomes de outras pessoas importantes na família, porque nos sabemos também na sua companhia.

«*Communicantes et memoriam venerantes...* Em comunhão com toda a Igreja veneramos a memória...» da Santíssima Virgem, Mãe de Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor, em primeiro lugar; depois, S. José[17], seguido pelos nomes de doze apóstolos, entre os quais se inclui S. Paulo[18], e doze mártires dos primeiros quatro séculos da era cristã[19].

Não se trata de uma “enumeração honorífica”, como aquelas a que, por vezes, assistimos nas cerimónias oficiais, não sem um certo tédio e pressa por que acabem. Trata-se da nossa família, «a grande família de filhos de Deus que é a Igreja Católica»[20]. Na Santa Missa estamos em comunhão não só com os nossos irmãos «dispersos pelo mundo»[21], mas também com os nossos irmãos glorificados no Céu e com os que se purificam para verem com eles o

rosto de Deus. «Enquanto nós celebramos o sacrifício do Cordeiro, unimo-nos à liturgia celestial, associando-nos com a multidão imensa que grita: *A salvação é do nosso Deus, que está sentado no trono, e do Cordeiro (Ap 7, 10)*. A Eucaristia é verdadeiramente um pedaço do Céu que se abre sobre a terra (...) e vem iluminar o nosso caminho»[22].

Memento etiam, Domine...

Pouco depois da consagração, onde as outras orações eucarísticas concentram as suas petições, o Canon Romano dá-lhes continuidade: «Lembrai-Vos também, Senhor, dos vossos servos e servas que nos partiram antes de nós marcados com o sinal da fé e dormem agora o sono da paz». O celebrante recolhe-se uns instantes e ora pelos defuntos; depois prossegue com umas palavras ternas, de grande profundidade: «Concedei-lhes, Senhor, a eles e a todos os que descansam em Cristo, o lugar da consolação, da luz e da paz».

A recordação dos nossos irmãos defuntos põe diante dos nossos olhos, uma vez mais, a fraternidade: os outros. O Espírito Santo amplia de novo os nossos corações, porque podemos rezar aqui não só pelos nossos defuntos mais chegados, mas também por todos os homens e mulheres que Deus chamou a Si desde o dia anterior; alguns terão morrido talvez muito sós, e Deus saiu ao seu encontro, a enxugar as lágrimas dos seus olhos[23]. «Quando chega o memento de defuntos, que alegria rezar também por todos! Peço naturalmente em primeiro lugar pelos meus filhos, pelos meus pais e pelos meus irmãos; pelos pais e irmãos dos meus filhos; por todos os que se aproximaram de mim ou do Opus Dei para nos fazerem o bem: então com agradecimento. E pelos que nos tentaram difamar, mentir... com maior motivo!: perdoo-lhes de todo o coração, Senhor, para que Tu me perdoes. E, além disso, ofereço por eles os mesmos sufrágios que pelos meus pais e pelos meus filhos (...). E fica-se tão contente!»[24].

De multitudine miserationum tuarum sperantibus

O Cânon aproxima-se da sua conclusão e intercede ainda pelos presentes, celebrante e fiéis: «*Nobis quoque peccatoribus famulis tuis, de multitudine miserationum tuarum sperantibus...* E a nós, pecadores, que esperamos na Vossa infinita misericórdia, admiti-nos também na assembleia dos bem-aventurados apóstolos e mártires...»[25]. Nomeia-se aqui S. João Baptista, seguido de sete mártires, homens e sete mártires, mulheres: sete é um número que, como o doze que encontrávamos mais atrás, tem um forte carácter bíblico: se o doze recorda a eleição divina (das tribos de Israel, dos Apóstolos, etc.), o sete, é símbolo de plenitude, totalidade.

Pomos o nosso olhar no Céu: o Povo de Deus recorre aos seus santos nos momentos mais transcendentais do seu culto e a santa Missa é o lugar em que a Igreja do Céu e a Igreja da terra se sabem mais unidas. Bento XVI alentava-nos a dar graças a Deus «porque nos mostrou o Seu rosto em Cristo, nos deu a Virgem, nos deu os santos, nos chamou a ser um só corpo, um só espírito com Ele»[26]. E como agradecer é apreciar, podemos-Lhe dizer, com S. Tomás de Aquino, «Tu que tudo sabes e podes, que nos alimentas na terra, conduz os Teus irmãos à mesa do Céu, à alegria dos Teus santos»[27].

Juan José Silvestre

[Voltar ao índice](#)

[1] S. Josemaria, palavras pronunciadas numa reunião familiar, 22-V-1970 (citado em J. Echevarría, *Para servir a la Iglesia*, Rialp, Madrid 2001, 189-190).

[2] S. João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia*, 17-IV-2003, n. 59.

[3] *Sal* 71 (72), 8.

[4] *Sal* 71 (72), 5.

[5] *Jo* 12, 32.

[6] Quando outra coisa não for indicada, as citações que se seguem são, pois, da Oração Eucarística I.

[7] *Sal* 118 (119), 30.

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 89.

[9] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1352.

[10] S. Cirilo de Jerusalém, *Catequesis mistagógica* V, 6 (PG 33, 1114).

[11] *Cristo que passa*, n. 169.

[12] Francisco, *Homilia*, 29-XI-2013.

[13] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2635.

[14] *1 Tm* 2, 4.

[15] Beato Álvaro del Portillo, *Carta*, 29-VI-1975 (em *Cartas de família* II, n. 19 [AGP, Biblioteca P17]).

[16] S. Josemaria, notas de reuniões familiares de 1-IV-1972 e de 10-V-1974 (citado em J. Echevarría, *Viver a Santa Missa*, Madrid, Rialp 2010, 106).

[17] Introduziu-se o seu nome por decisão de S. João XXIII em 1962. O Papa Francisco, por meio do Decreto *Paterna vices* de 1-V-2013, introduziu a menção de S. José nas Orações eucarísticas II, III e IV.

[18] S. Matias é citado no segundo elenco, após a consagração.

[19] São cinco Papas, um Bispo, um Diácono, seguidos de Crisógono – de que não se sabe se era clérigo ou leigo – e quatro leigos.

[20] Javier Echevarría, *Carta*, 9-I-2002 (em *Cartas de Família* V, n. 4 [AGP, Biblioteca P17]).

[21] *Missal Romano*, Oração Eucarística III.

[22] S. João Paulo II, Enc. *Ecclesia de Eucharistia*, n. 19.

[23] Cfr. *Missal Romano*, Oração Eucarística III.

[24] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 10-V-1974 (citado em J. Echevarría, *Viver a Santa Missa*, 151).

[25] Se bem que na sua origem o “nós, pecadores, Vossos servos” se poderia referir unicamente ao sacerdote celebrante e aos seus ministros, na atualidade parece evidente – tendo em conta as outras Orações eucarísticas – que se pede para todos a união com a Igreja celeste.

[26] Bento XVI, *Discurso*, 20-II-2009.

[27] S. Tomás de Aquino, Hino *Lauda Sion*.

SOBRE

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2021

[**www.opusdei.pt**](http://www.opusdei.pt)

Consulte a lista completa de ebooks gratuitos